

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

BRUNA FÁTIMA DE BRITO

**O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: DISCURSO,
MEMÓRIA E SENTIDO**

POUSO ALEGRE, MG

2016

BRUNA FÁTIMA DE BRITO

**O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: DISCURSO,
MEMÓRIA E SENTIDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Área de Concentração: Análise de Discurso.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Silva Domingues

POUSO ALEGRE, MG

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

BRITO, Bruna Fátima de.

Festejo de Nossa Senhora do Rosário: Discurso Memória e Sentido / Bruna Fátima de Brito – Pouso Alegre: Univás, 2016. 83f.

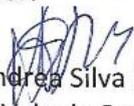
Dissertação de Mestrado do curso em Ciências da Linguagem – Universidade do Vale do Sapucaí - Univás, 2016.

Orientadora: Prof^a. Dra. Andrea Silva Domingues

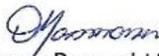
CDD 410

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada "**O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: DISCURSO, MEMÓRIA E SENTIDO**" foi defendida, em 6 de dezembro de 2016, por **BRUNA FÁTIMA DE BRITO**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº 1700060, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:


Prof. Dra. Andréa Silva Domingues
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientadora


Prof. Dra. Benedita Celeste de Moraes Pinto
Universidade Federal do Pará - UFPA
Examinadora


Prof. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinadora

DOCUMENTO VÁLIDO SOMENTE SE NO ORIGINAL

EPÍGRAFE

“O período do cativo lembrado pelos congadeiros não é, portanto, apenas o lugar do negro vitimizado, onde há pouco para ser valorizado, ele é também o espaço do escravizado como transformador da sua realidade”.
(Costa, 2006)

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu senhor e pai, pelo dom da vida, pela coragem para questionar realidades que acredito que ainda possam ser mudadas, pelas pessoas maravilhosas e boas que ele colocou em minha vida.

A minha família que é a minha base e força, pessoas que eu amo, admiro e respeito, meus pais que nunca mediram esforços para me ajudar, que sempre me incentivaram a estudar e que acima de tudo deram amor, carinho e proteção.

Agradeço ao meu esposo Edvaldo, que sempre me apoiou, dando forças para que eu seguisse em frente e nunca desistisse dos meus sonhos.

Ao meu amigo, padrinho e irmão de todas as horas Cleyton, que esteve comigo durante a minha vida acadêmica, sempre ajudando e aconselhando. A você: minha amizade sincera.

A todos os professores e colegas do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem, que contribuíram de maneira significativa para meu conhecimento e entendimento nas disciplinas, em especial, à Profa. Dra. **Débora Raquel Hettwer Massmann** cuja dedicação e carinho para comigo foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À querida Profa. Dra. **Benedita Celeste de Moraes Pinto**, pelo carinho e atenção com meu trabalho e pela disponibilidade em poder participar desse momento especial da minha vida.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

E a minha grande mestre, amiga, companheira, professora, madrinha, orientadora e acima de tudo uma mãe, Profa. Dra **Andrea Silva Domingues**, pois sem ela talvez não chegasse até aqui. Ela mostrou o caminho, me pegou no colo quando precisou, me orientou e desorientou.... uma pessoa que tenho certeza que foi Deus que colocou em minha vida, meu muito obrigada.

BRITO, Bruna Fátima de. **O festejo de Nossa Senhora do Rosário: discurso, memória e sentido**. Dissertação – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí - Univás, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2016.

RESUMO

No trabalho de pesquisa intitulado “O festejo de Nossa Senhora do Rosário: discurso, memória e sentido,” procuramos compreender os discursos que constituem a festa de Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí (MG) e os modos de resistência deste festejo. Observamos na e pela linguagem como os sujeitos se constituem, como são produzidos seus processos identitários e, sobretudo, como estes sujeitos se (re)significam nesta prática cultural desde tempos remotos. Para alcançar estes objetivos, selecionamos um conjunto de materiais constituído por documentos oficiais e não oficiais, entrevistas e jornais. É a partir do estudo deste corpus que podemos investigar o funcionamento da memória discursiva e o processo histórico nos sujeitos participantes do festejo. Verificou que a festa é de total importância social e constitutiva na vida funcional da cidade, observou se também que é através dos atos de resistência e da cultura passada por gerações que mantêm viva a festa.

Palavras-chaves: Análise do Discurso; Memória; Festejo;

BRITO, Bruna Fátima de. **The feast of Our Lady of the Rosary: speech, memory and meaning.** Dissertation - Master's Degree in Language Sciences, University of Vale do Sapucaí - Univás, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2016

ABSTRACT

In the research work entitled "The Feast of Our Lady of the Rosary: Discourse, Memory and Sense," we sought to understand the discourses that constitute the feast of Our Lady of the Rosary of São Gonçalo do Sapucaí (MG) and the ways of resistance of this celebration. We observe in and by language how subjects are constituted, how their identity processes are produced and, above all, how these subjects have (re) signified in this cultural practice since ancient times. To achieve these objectives, we selected a set of materials consisting of official and unofficial documents, interviews and newspapers. It is from the study of this corpus that we can investigate the functioning of discursive memory and the historical process in the subjects participating in the celebration. He verified that the party is of total social and constitutive importance in the functional life of the city, observed also that it is through the acts of resistance and the culture passed by generations that keep the party alive.

Keywords: Discourse Analysis; Memory; Celebration;

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Subida do reinado, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário.....	44
Imagem 2 - Subida do Reinado.....	46
Imagem 3 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí (MG)	48
Imagem 4 - Cartaz da festa de Nossa Senhora do Rosário de 2015.....	50
Imagem 5 - A transição da coroa para o próximo reinado.	52
Imagem 6 - A nova realza.....	53
Imagem 7 - Levantamento do mastro.....	54
Imagem 8 - Levantamento do mastro.....	54
Imagem 9 - Almoço servido ao congadeiros e comunidade.....	56
Imagem 10 - Almoço servido ao congadeiros e comunidade.....	57
Imagem 11 - Subida do reinado, em São Gonçalo do Sapucaí (MG)...	58
Imagem 12 - Flora Maria de Paiva. Rainha da festa do Rosário, em São Gonçalo do Sapucaí-MG no ano de 1900.....	61
Imagem13 - Mulheres à frente do terno de congo.....	62
Imagem 14 - A herdeira do Terno.....	64
Imagem 15 - Antigo Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.....	68
Imagem 16 - Sr. Américo Bueno. Membro da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí (MG)	71
Imagem 17 - Sr. João Flora Neto. Membro da Irmandade do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí (MG)	72
Imagem 18 - Novo estatuto da irmandade do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí.....	74

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização de São Gonçalo do Sapucaí-MG, via rodovia Fernão Dias, 2015.....	39
Mapa 2 - Localização de São Gonçalo do Sapucaí-MG, 2015.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: DISPOSITIVOS ANALÍTICOS	21
1.1 História e análise de discurso: Algumas considerações.....	21
1.2 A festa, o discurso fundador e a ideologia.....	26
1.3 Historicidade e Memória discursiva	30
1.4 Discurso feminino/ feminista.....	33
CAPÍTULO II: ONDE ERA A IGREJA DO ROSÁRIO, A FESTA ACONTECIA	39
2.1 “Família tradicional, escravos libertos, batidas do congo, senzala e liberdade”.....	43
2.2 “Raízes, fé e tradição: “eu digo para essa geração mais jovem, que devem ter amor pelas suas origens, suas raízes”.....	49
2.3 “Mulheres não há uma visão que a diferencia ou minimize a sua participação no festejo”.....	58
CAPÍTULO III: “A IRMANDADE AJUDAVA MUITO AS PESSOAS NÉ, PRINCIPALMENTE ASSIM OS NOSSOS IRMÃOS DA IRMANDADE”	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

I- INTRODUÇÃO

Na pesquisa intitulada “O festejo de Nossa Senhora do Rosário: Discurso, memória e sentido”, analisamos o processo de construção do discurso de diferentes sujeitos especificamente do sujeito congadeira negra no festejo de Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí (MG), observando a construção da identidade e de suas representações dentro do processo de resistência e manutenção desta festa. Os diversos aspectos relativos às diferentes formas de se fazer e significar sujeito mulher congadeira no festejo e nas irmandades constituem nosso objeto de interesse para realização desta dissertação. Busca-se assim observar na e pela linguagem como estes sujeitos se constituem, ou seja, como se dá o processo identitário e como estes sujeitos se (re)significam nesta prática cultural desde tempos remotos.

É importante destacar que a escolha do tema abordado nesta dissertação está intimamente ligada à trajetória acadêmica, que teve início com a formação de turismóloga, período em que foi possível ter um contato mais próximo com as cidades do sul de Minas Gerais. Motivada em continuar os estudos, cursei então a Pós-Graduação *Lato-Sensu* em História, Sociedade e Cultura na qual tive a oportunidade de compreender com maior amplitude a importância da história na relação com a sociedade. Já no ano de 2011, decidi então cursar graduação em história com o objetivo de atuar no ensino e ter então um compromisso social para além das leituras, na prática da docência, sempre permeado pela pesquisa.

Nos diálogos constantes, ao longo de minha formação, sempre problematizei temas que permeassem a questão da desigualdade racial, como por exemplo, o objeto de pesquisa analisado no *lato sensu*, a Lei nº. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para inclusão no currículo escolar oficial ordenando o tema "História e Cultura Afro-Brasileira". Essa lei, em com a Constituição Federal de 1988, no tocante à igualdade entre as diversas culturas e etnias que constituem a nação

brasileira, altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional. Para a pesquisa de graduação, além da lei nº. 10.639/03, incluímos a lei nº. 11645/08 que reforça o estudo obrigatório da história e cultura afro-brasileira e a indígena. Com essa trajetória de pesquisa, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (nível mestrado) com o apoio da bolsa de pós-graduação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Desse modo, no Mestrado, minhas pesquisas foram direcionadas ao estudo das mulheres congadeiras na festa de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de São Gonçalo do Sapucaí (MG).

Ao investigar as especificidades do funcionamento deste festejo, foi possível verificar que a festa de Nossa Senhora do Rosário, em São Gonçalo do Sapucaí (MG), ainda não possuía estudos científicos no que diz respeito ao sentido do festejo e à posição sujeito da mulher congadeira e seu processo de construção identitária no festejo. Surge assim então o interesse de realização desta pesquisa que tem como desafio compreender a festa como um acontecimento discursivo que põe em funcionamento as experiências de vida de diferentes sujeitos, especialmente as mulheres. São elas que fazem desta festa um momento de lazer, sociabilidade, religiosidade e de resistência.

À medida que se estabelece este recorte metodológico para o desenvolvimento da pesquisa, o presente trabalho alinha-se ao dizeres de Domingues (2007). Para essa autora olhar para a festa como um objeto de estudo significa trabalhar com um passado próximo, estabelecer um diálogo com o presente e, na multiplicidade da cidade, com os diversos modos de viver e de experienciar essa prática cultural. Desse modo, busca-se compreender o festejo da congada e os sujeitos envolvidos nele como parte integrante da história do Sul de Minas Gerais. Como se pode verificar, trata-se de um objeto de pesquisa importante para compreender as formações discursivas que se configuram a partir do festejo e produzem processos identitários para o sujeito sulmineiro.

Em conformidade com a ideologia capitalista¹, na sociedade contemporânea, os sujeitos estão sempre em movimento e as identidades também se movem, se transformam. Nessa perspectiva, produz-se um efeito de sentido de que os sujeitos não possuem uma identidade fixa e/ou permanente, ao contrário, o efeito que se produz no Século XX, remete à uma identidade dinâmica cujos sujeitos “podem ser transformados continuamente em relação às formas pela quais são representados ou interpelados pelos sistemas culturais que o rodeiam, indicando que a identidade é definida historicamente” (HALL, 2009, p. 12-13). No Brasil, pode-se pensar que há outros “Brasis” compostos por variados grupos étnicos. Desse modo, faz-se necessário analisar como se constituem suas representações porque “as identidades são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2009, p. 48). A identidade da mulher negra no festejo se (re)significa na história, pois “a identidade é um movimento na história” (ORLANDI, 1990, p.46).

Assim, inserido em uma perspectiva interdisciplinar, este estudo aproxima a Análise de Discurso e da História. Isso acontece a partir do modo de pensar, os gestos de linguagens como produção de sentidos sobretudo no que diz respeito à memória, ao texto, à oralidade e à identidade. Trata-se de trabalhar numa espécie de diálogo interdisciplinar entre as duas disciplinas e, desse modo, ampliar o sentido dos fatos históricos que se produzem na e pela linguagem, enriquecendo, desse modo, os olhares do historiador. Para Souza:

Entendemos que é na história que o discurso se constitui e é a partir do discurso que os sujeitos constroem sua história, e através da memória atribuem a ela sentidos que determinarão a permanência ou não de determinados discursos estabelecendo efeitos de sentido que contribuirão para a construção da identidade dos sujeitos (SOUZA, 2013, p.07).

É através da manutenção das raízes do festejo que os sujeitos negros se constituem a partir dos discursos que são mantidos e repassados pelas gerações, estabelecendo sentidos, contribuindo para a permanência e resistência da festa.

¹ Capitalista: indivíduo que possui capital e vive de sua renda, vem do capitalismo. **Capitalismo:** é um sistema econômico em que os meios de produção e distribuição são de propriedade privada e com fins lucrativos.

Para compreender o sentido de resistência do/no festejo e das diferentes posições que os sujeitos participantes ocupam, é preciso analisar as raízes e tradições dos percussores que se mantém viva até os dias atuais.

Como destaca Souza (2002):

Ao serem separados do mundo e das pessoas que até então davam sentido à sua existência pessoal, os africanos se reagruparam a partir de novos laços e identidades, tornando-se malungos² durante a travessia do Atlântico, companheiros de senzala, membro de corporações de trabalho, irmão de Nossa Senhora do Rosário (SOUZA, 2002, p. 295).

A partir do momento em que foram separados de seus familiares e tiveram suas vidas roubadas, homens negros, mulheres e crianças negras de diferentes lugares do continente Africano, tiveram que se adaptar e se perceberam como uma grande família, eles buscavam manter seus traços identitários e para isso usavam como estratégias que perpassaram a inserção de hábitos de outros povos para dar continuidade a sua origem. E, considerando que as identidades não estão acabadas e fixas, mas sim em contínuo deslocamento e (trans)formação, conforme exposto anteriormente, as representações do negro construídas pelo poder e sua carga discursiva possuem tempo e espaço e, por isso, merecem atenção: “as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade” (HALL, 2006, p. 65).

Atualmente, as congadas passam por um processo de (re)significação e a mulher, sujeito social que aparecia somente em um papel secundário, como na costura, cozinha, atrás das cortinas e somente nos bastidores do festejo, passa a ser vista como parte integrante, e porque não parte fundamental, desse festejo. Nesse contexto, trabalha-se com a cultura como modo de vida e principalmente como modo de luta de classes, sendo esta uma ação social. Compreende-se assim que trabalhar com a linguagem pode ser um mecanismo importante para compreender de que maneira, através das

² Termo usado para identificação com base na etnia e nos grupos de parentesco e de família, ou parentesco fictício, criado entre os companheiros de embarcação (malungos) nos navios negreiros (A.J.R.Russel-Wood, 2001).

práticas sociais e das tensões, os sujeitos constituem esse festejo (DOMINGUES, 2007, p. 02). Nesse sentido, compreender discursivamente as representações sobre a cultura afro-brasileira e compreender a construção da identidade da mulher negra no festejo de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí (MG) mostra-se uma tarefa desafiadora para esta pesquisadora.

Entende-se, desse modo, que a congada é um espaço de resistência onde há busca de identidade e o sujeito se constitui na – e – pela linguagem, através da historicidade, componente da memória. Esses são, pois, pontos importantes para realização deste estudo. De acordo com Domingues e Carroza:

A intenção de superar a análise histórica, sob o ponto de vista das totalidades, tem conduzido cada vez mais historiadores à investigação da micro-história e ao uso da Análise de Discurso de linha francesa, que propõe a compreensão dos nexos e das relações sociais imbricadas nas formas de significar da atividade humana em todas as suas manifestações. É a partir desta intenção que se fala em totalidade, traduzida na compreensão de novos temas de pesquisa relacionados com as particularidades da vida cotidiana e que vêm sendo discutidos entre analistas de discurso e historiadores. (DOMINGUES; CARROZA, 2013, p.08)

Para isto, a interdisciplinaridade entre a História e Análise do Discurso foi fundamental nesta pesquisa científica, pois auxiliou a construir um olhar crítico que implica colocar-se diante da problemática do presente como protagonista e ir além do dito (DOMINGUES, 2007). Debruçar-se sobre os textos que compõem os documentos oficiais, deve levar sempre em conta o funcionamento discursivo correlacionado com a condição de produção dos discursos ali postos em funcionamento. Enfim, na perspectiva de análise que se adota neste estudo, as questões discursivas não são entendidas como simples instrumentos de comunicação (um leva e traz de pensamentos) e sim como um objeto histórico social. Sobre essa questão, Orlandi explica que

Não consideramos nem a linguagem como um dado nem a sociedade como um produto; elas se constituem mutuamente. Se assim é, o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais. A Análise de Discurso tem uma proposta adequada a estas colocações, já que no discurso constatamos o modo social de produção da linguagem. Ou seja, o

discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é a linguística. (ORLANDI, 2008, p.17).

Após a pesquisa bibliográfica, iniciou-se um levantamento de fontes (materiais de análise) em busca de documentações que ajudaram a estabelecer as problemáticas desta pesquisa, bem como os vários aspectos que a envolvem. Metodologicamente, utilizou-se a história oral para se obter um corpus documental mais amplo com o intuito de problematizar e compreender o discurso feminino no festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de São Gonçalo do Sapucaí (MG).

Com base nestes materiais, analisou-se um *corpus* composto por oito (08) entrevistas orais com mulheres e homens dos ternos de congos e organizadores do festejo e da irmandade de São Gonçalo do Sapucaí-MG. Também se trabalhou com documentário “Conheça a tradição da Festa do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí-MG”, jornais da festa e com documentos oficiais como, por exemplo, estatuto e inventário do festejo. Sobre trabalho com *corpus* oral, ele permitiu uma aproximação com a memória constituída desses sujeitos, pois é no trabalho de campo que também se busca compreender as indagações que sustenta esta pesquisa. Como destaca PORTELLI:

Padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofunda-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais, e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (PORTELLI, 1997, p.15).

As entrevistas aconteceram na cidade de São Gonçalo do Sapucaí-MG, nas residências dos depoentes, na secretaria de cultura e durante o festejo, mediante uma carta³ de cessão assinada pelos depoentes, explicando a importância deste documento para a preservação da ética da pesquisa e para assegurar ambas as partes, depoentes e pesquisadora. As entrevistas foram realizadas de maneira descontraída, procurando deixar os entrevistados a

³ Carta de seção: Documento assinado pelo depoente autorizando o entrevistador o uso e direitos autorais de sua narrativa

vontade para que suas memórias, experiências, fluíssem e assim conseguíssemos alcançarmos um registro mais aproximado da história oral.

Após a realização das entrevistas, transcreveu-se de maneira fiel ao conteúdo das falas dos depoentes, depois os depoimentos foram digitalizados, impressos e arquivadas juntamente com o áudio das entrevistas que ficaram disponibilizados aos depoentes para possível correção. Foi preservada a vontade de cada depoente, no que se trata à sua identificação ou não neste trabalho. Alguns estão identificados e outros não, pois desta maneira sentiram-se à vontade para falar em nossas entrevistas.

É importante destacar que a oralidade possibilita uma aproximação de vertentes desconhecidas que não poderiam ser entendidas de outra forma, principalmente quando se fala sobre indivíduos e grupos que são excluídos da história e da sociedade. O autor Amado assinala que:

O uso do testemunho oral possibilita a história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que as vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, miseráveis, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas; essa característica permitiu inclusive que uma vertente da história oral se tenha constituído ligada a história dos excluídos. (AMADO, 2002, p. 28).

Toda fonte histórica é pensada a partir de um lugar na memória. Ela é um lugar de lembranças e também de esquecimentos. A documentação oral foi parte importante deste trabalho juntamente com a articulação com a Análise de Discurso. Isso porque é através do discurso que se consegue perceber como as práticas sociais inter-relacionam com as práticas linguísticas. Com isso, o sujeito congadeiro parece se construir ao estabelecer a relação da linguagem com o mundo.

Além disso, foram utilizados também documentos escritos e fotografias localizadas de acervos pessoais dos depoentes e da associação dos congadeiros de São Gonçalo do Sapucaí (MG). Nesse sentido, quanto maior o número de *corpus* de análise maior é a oportunidade de dialogar e caminhar entre as fontes com mais possibilidades se atingir os objetivos propostos.

Na perspectiva interdisciplinar que se sustenta a partir da articulação da Nova História e com a Análise do Discurso, ressalta-se a importância e a necessidade da manutenção do diálogo junto a uma multiplicidade de *corpus* para que se possa ampliar o leque de possibilidades de abordagens teórico-metodológicas enriquecendo ainda mais o estudo.

Para Docema:

A análise de discurso amplia a visão que temos dos sujeitos, trazendo para o campo da história uma produção de sentidos que transforma, que viabiliza compreender que o sujeito do discurso que é afetado ideologicamente. (Docema, 2016, p.23).

A história é produção de sentidos, por isso a necessidade de analisar, através da memória e do apagamento, quais os sentidos desse festejo e como constituí este sujeito, nesse viés que desenvolvemos nossos objetivos. Diante do exposto, esse trabalho que se inscreve linha de pesquisa a Análise de discurso, foi estruturado em três capítulos.

No capítulo I, denominado de “Dispositivos teóricos analíticos”, discute-se os conceitos principais que balizaram a construção da escrita e das análises deste trabalho.

No capítulo II, “Onde era a igreja do Rosário, a festa acontecia.”, analisa-se a festa de Nossa Senhora do Rosário como um acontecimento discursivo, e a importância da História e a Análise de Discurso neste movimento, em que a festa não é o fato e sim um acontecimento permeado de memória e ideologia e o congado uma arte de se dizer e fazer. Discute-se como o discurso e a memória ainda permeiam na realização do congado e como os diferentes ternos⁴ de congo conseguem resistir e passar sua arte por mais de 2 (dois) séculos na cidade de São Gonçalo do Sapucaí (MG).

No capítulo III, “A irmandade ajudava muito as pessoas né, principalmente assim os nossos irmãos da irmandade”, trabalha-se com os diferentes espaços da festa e o papel da irmandade. Analisa-se também quando a irmandade se insere no festejo e as resistências que acontecem ou não a partir de sua presença. Essa análise faz-se importante, pois, de acordo

⁴ Ternos: Expressão usada no Brasil para grupo de congada.

com Costa (2006, p. 126), “os diferentes estilos reunidos nas festas atualizam, portanto, uma tradição que é simultaneamente religiosa, por ligar-se a Nossa Senhora, e de resistência por ligar se à escravidão”.

CAPÍTULO I – DISPOSITIVOS TEÓRICOS ANALÍTICOS

1.1 História e análise de discurso: algumas considerações

A história nova e a análise de discurso seguem caminhos paralelos em busca de novos dizeres e de novas formas de significar os acontecimentos. O sujeito e a sociedade tornam-se para essas disciplinas a questão central e, nessa perspectiva, a ideologia um de seus principais objetos de análise. Essas disciplinas dedicam-se a investigar diferentes sujeitos e, nas duas abordagens teóricas, observa-se uma posição muito diferente daquela adotada pela história tradicional e/ou positivista que sempre destacou em sua narrativa os denominados “heróis”, excluindo homens e mulheres de classes sociais diversas que se inscrevem na história.

A História Nova surge com a escola dos Annales, um movimento dentro da historiografia francesa, que se expandiu pelo mundo, propondo uma forma diferente de fazer história: “Fundou nos anos de 1929 a Escola dos Annales que teria um papel fundamental na constituição de um novo modelo de historiografia” (MARC BLOCH, 2002, p.5). A revista Annales foi o marco inicial para grandes mudanças na história, mas, somente nos anos 60, a História Nova abre-se para o mundo, quebrando paradigmas para novos estudos e sentidos, “os historiadores são tocados pelo espírito dos Annales, novos problemas, novas abordagens, novos objetos” (MARC BLOCH, 2002, p.22). Assim, a história nova visa o retorno ao estudo dos sujeitos, não trata a história como uma linha cronológica, e sim com (re) significação, podendo os acontecimentos se (re) significarem em outras épocas.

Para melhor compreender, o início da história nova, realiza-se uma breve abordagem sobre os conceitos de paradigmas da história. A palavra paradigma é de origem grega e refere-se a modelo ou padrão. Na história tradicional, ou positivista, os paradigmas eram padrões para a sociedade. Os paradigmas entram em dilemas e conflitos no campo das ciências sociais, em especial na disciplina de história, a sua principal discussão foi sobre o conceito de civilização e cultura.

Segundo Cardoso (1997), no século XXI, houve uma crise de civilização, que é fruto do momento de transição em que se encontra a sociedade contemporânea, colocando em dúvidas a sustentação da modernidade, e agora passa a se mover para a pós-modernidade. Essa nova concepção dos paradigmas trouxe um outro olhar para a historiografia, uma visão de baixo para cima e não como era trabalhada na história positivista e/ou tradicional (de cima para baixo). Um importante exemplo dessa história nova foi o conceito de civilização e cultura, na vertente francesa. A civilização, segundo Cardoso (1997), seria compreendida como “‘altas culturas’ caracterizadas pela urbanização, a escrita, o desenvolvimento das ciências”. De acordo com o autor, civilização era vista pelos sujeitos como superior à cultura. Em outras palavras, este autor destaca que:

Uma das opções possíveis para definir o deslocamento de paradigma na área das humanidades e das ciências sociais que se liga, em nosso século, a um processo mais ou menos longo cuja fase decisiva parece ter sido 1968-1989 consistiria em vê-lo como uma vitória do corte interpretativo de origem alemã sobre o de origem francesa, sintetizando o que muitos pensadores contemporâneos veem como o fim de uma longa fase na história dos homens, suas visões de mundo, começada com o Renascimento e intensificada com o Iluminismo: donde a designação usual deste fim de século como inaugurando um período pós-moderno (CARDOSO, 1997, p.21).

Como consequência desse deslocamento surge fortemente as bases da nova história ou, como Cardoso (1997) destaca “ela é a história em migalhas”, a história que busca trabalhar com a diversidade, com o excluído, a alteridade cultural, entre sociedades dentro de cada uma delas.

Ainda segundo Cardoso (1997):

Apresentar a disciplina história hoje a partir da oposição entre dois paradigmas polares, chamando-os de “iluminista” e “pós-moderno”, respectivamente. A escolha oposta seria partir da própria historiografia, em forma empírica, o que levaria sem dúvida a enfatizar a diversidade, não as identidades e oposições mais centrais (CARDOSO, 1997, p.22).

Nessa perspectiva, ao poder transitar em todos os campos das histórias, em todas as classes sociais, crenças, gêneros, entre outros, consegue-se fazer uma historiografia diversificada, criando oportunidades para todo o tipo de história.

Assim como a História Nova, a análise de discurso, no final da década de 60, surge para o mundo, como estudos no campo da linguística, que consiste em analisar o processo discursivo, isto é, compreender as construções ideológicas presentes nos discursos que circulam na sociedade. Assim a Análise de Discurso visa o estudo de interpretação do discurso. A disciplina surge em um período de crises políticas, históricas e sociais, na França. Esse conjunto de crises (re) significaram as tradições que repercutiram dentro da intelectualidade francesa dos anos 60 e passou a questionar transformações na maneira de pensar.

O grande precursor, o filósofo Michel Pêcheux (1999), que iniciou o ponto de partida com os estudos de sua obra “Análise automática do discurso”, contribuiu para a expansão da teoria materialista do discurso no mundo, trazendo a referência de que o discurso é mais que transmissão de informação, é efeito de sentido, podendo assim analisar o dito e o não dito. Para Pêcheux (2008) o discurso produz sentidos e apresenta-se como uma forma de materialização da ideologia.

No Brasil, a análise de discurso é inserida pela pesquisadora Eni Orlandi, que desenvolve as perspectivas dos três principais eixos da Análise de Discurso, o sujeito, a história e a língua. Orlandi (1996) afirma que a “análise de discurso se caracteriza em uma ciência de entremeio, já que transita entre diferentes disciplinas: linguística, história e psicanálise”.

Orlandi (2016) postula que a análise de discurso se constitui em um espaço em que a Linguística tem a ver com as Ciências Sociais e que, na perspectiva a linguagem, é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. Assim para Orlandi (2016), a análise de discurso é uma disciplina de interpretação, que considera que o “real, que está sujeito à interpretação”, pois é necessário trabalhar a interpretação para podermos atingir o real do sentido. A análise de discurso interroga a interpretação. Ela quer saber como os processos de significação se dão.

Na busca de uma melhor compreensão de como a linguagem se significa na história e como a história está na linguagem, passou-se então a realizar este estudo em torno da interdisciplinaridade da análise do discurso e

da história. Através das aulas ministradas por Orlandi (2016), possibilitou o melhor entendimento da análise de discurso.

Para Orlandi (2016) “A análise de discurso não é formalizada, não é fechada”, se faz necessário compreender que mesmo a análise de discurso não sendo fechada, não significa que não tenha compromisso com a teoria e com a análise, pois quando se descreve, se interpreta, não tem como deixar de interpretar.

Pêcheux ressalta:

“(…) o problema principal é determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento da interpretação, em relação aos da descrição: dizer que não se trata de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não implica que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entre misturar no indiscernível” (PÊCHEUX, 2008, p. 54).

A Análise de Discurso é uma disciplina de interpretação, por isso, se faz necessário refletir sobre o objeto analisado, pois nada é absoluto naquilo que representa. O discurso, segundo autor, está sujeito a equívocos e falhas. É preciso analisar e interpretar, porém sem colocar-se como absoluto.

Com o entrelaçamento dos diálogos das disciplinas história e a análise de discurso, busca se o enriquecimento de interpretações e análises desta pesquisa.

(…) é ilusório colocar para a história uma questão de origem e esperar dela a explicação do que existe. Ao contrário, não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e consequências. É nisso que consiste para nós a história, nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso. Isto vale para a nossa história pessoal, assim como para a outra, a grande História. (HENRY, 2003, p. 51-52).

A história não pode parar, ela necessita de uma interpretação, precisa investigar buscar sentidos e significados, ir além do dito e do não dito, e em busca dessas análises este trabalho juntará a história e a análise de discurso, para um novo desafio.

Em busca de aliar a história com a análise de discurso, apresenta-se um conceito em comum entre as duas áreas e importantíssimo para elas que é a historicidade, pois como ressalta Ivo (2015, p. 47) “É a história acontecendo:

historicidade que levanta novos rumos, novos dizeres, novas discursividades”. Sujeitos que estão sempre buscando novas formas de se constituírem e, ao mesmo tempo, sendo interpelados por um processo de produção discursiva. Segundo Orlandi:

A historicidade do processo discursivo. Neste caso, podemos refletir, por exemplo, como uma criança, ao nascer, mergulha no discurso, é posta na relação necessária com o interdiscurso e seus efeitos de exterioridade. Ao nascer entramos num processo de produção discursiva já instalado (OLANDI, 1993, p.23).

Os sujeitos são interpelados a todo o momento por algum discurso, pela memória reproduzida através dos discursos em que estão inseridas, em ambientes familiares, comunidade e na sociedade que vivemos. As congadeiras da cidade de São Gonçalo do Sapucaí praticam esses discursos (religioso e político), através do festejo, sejam na dança, nos cânticos, orações, fortalecendo a resistência desse discurso.

Tasso (2004) destaca que, para a análise de discurso, pensar história é referir-se ao trabalho da ideologia sobre as práticas dos sujeitos, a historicidade se torna sentido. Nesse sentido, Orlandi afirma que o discurso é efeito de sentidos entre os locutores levando em considerações a ideologia, as condições de produções da história, desta forma podemos analisar as resistências de permanência para a realização da festa de Nossa Senhora do Rosário.

Para essa pesquisa, se fez necessário também compreender como são produzidos os discursos de diferentes sujeitos, mas principalmente de mulheres congadeiras na festa de Nossa Senhora do Rosário, para que possamos perceber como os discursos determinam a significação do papel da mulher congadeira no festejo.

Domingues e Carrozza esclarecem a importância de trabalhar História na Análise de Discurso.

acreditamos que produzir História, nas Ciências da Linguagem-e particularmente na Análise de Discurso- nos permitirá contribuir para a sua democratização, pois estaremos reconhecendo uma multiplicidade de sujeitos e agentes, de formas e maneiras de interpretar além do já dito. Para Análise de Discurso, a história é

produção de sentidos. Não é contexto nem explicações que se renova a cada dia. Fazer História, nessa perspectiva, significa levar em conta os sujeitos de- e na- linguagem (Domingues & Carrozza, 2013. p.142-143).

Na citação acima, é possível observar que é na história que o discurso se constitui e é nesses discursos que os sujeitos vão se constituir, pois é no festejo que homens e mulheres negros se significam e são significados e ocupam posições sujeitos diferentes. Sujeitos que buscaram marcar seus espaços movidos por lutas e resistências.

A nova história é movida pelas diferenças, lutas de classes, dispersões e não mais uma história narrativa, para (TASSO, 2004, p.52), a descontinuidade atesta o caráter vivo da história.

As mulheres congadeiras, em sua maioria descendentes de escravos, trazem consigo memória discursiva que buscam dar sentidos para suas lutas, através da resistência em permanência do festejo, nas danças, nos cânticos, crenças e da tradição que é passada de geração em geração. Domingues (2007, p.23) entende que “tradição e memória se interagem, construindo silêncios e lembranças que sempre se transformam, criando identidades, e que, a partir delas, homens e mulheres se constroem”. O festejo de Nossa Senhora do Rosário traz consigo grandes momentos da história do passado de familiares dessas mulheres que lhe transmitem sentimentos que possibilitam a afirmação de suas identidades, e conseqüentemente a força para continuar o festejo.

1.2 O festejo, o discurso fundador e a ideologia

O festejo na cidade de São Gonçalo do Sapucaí, com o passar dos anos, foi se (re)significando, pois, como aponta Domingues (2007), o festejo “é um processo que está em permanente construção e sendo vivo e dinâmico”. A cultura não pode ficar intacta, ela necessita estar em movimento e com isso a cultura traz consigo a busca pela resistência e para isso muitas vezes ela está inserida em meios de disputas, lutas e tensões. Para Domingues, é preciso compreender que:

Cultura como modo de vida e principalmente como modo de luta de classes, sendo esta uma ação social, entendendo que lidar com a linguagem deve ser um mecanismo que nos leve a perceber de que maneira, através das práticas sociais e tensões, os sujeitos estão dentro do festejo, que a tradição pode ser usada como recurso e não como prática, sendo uma escolha de estratégia para lidar com a tensão existente na festa, (DOMINGUES, 2007, p.2).

No festejo de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí, nosso objeto de estudo, o espaço cultural do festejo também é permeado de disputas, tensões e negociações pelo fato de homens e mulheres pobres, em sua maioria negros, estarem à frente de um festejo grandioso. Domingues (2007) compreende “cultura como parte integrante de um campo de mudanças e disputas sociais e políticas; cercado de interesses e reivindicações”, pois manter esse festejo até os dias atuais só foi possível, através de muita resistência e luta dos negros.

O festejo é um momento de sociabilidade, lazer, fé, resistência, um movimento social, um acontecimento discursivo que significa a história (DOMINGUES, 2016, p.13), pois é neste lugar que acontece diferentes formas diversas de se dizer, de se fazer e de se viver a festa. Como afirma Souza:

O festejo como acontecimento discursivo é espaço de relações e de manifestação de diferentes sujeitos que inseridos no universo simbólico do festejo se significam ou se resignificam, atravessados por discursos que se materializam. Esses sujeitos são atravessados pela ideologia, desta forma o festejo se torna campo de significação e assujeitamento, lugar de afirmação e de resistência, portanto é também lugar de produção de outros sentidos que sustentarão outros discursos, (SOUZA, 2014, p.85).

Como observamos, o festejo não é só espaço de lazer, sem importância e ou sem sentido de construção. Para os sujeitos que participam da realização desse acontecimento, a festa é como uma construção identitária, pois é um momento de afirmação de sua resistência; local onde homens e mulheres negros e pobres podem ser vistos, não como imagem de inferioridade, mas sim de sujeitos que estão na sociedade à frente e na realização de um dos maiores festejos do Sul de Minas Gerais, os sujeitos ativos que compõem a historicidade. Segundo Domingues e Carrozza:

A história dos festejos está inserida em toda a memória histórica do Sul de Minas, entendendo que toda a memória histórica foi construída a partir de uma formação discursiva e dentro de condições de produção específicas de determinados grupos sociais, fruto, portanto, de gestos de leitura, de documentos memorialistas com efeitos de

sentido que nos remetem ao discurso fundador (DOMINGUES & CARROZZA, 2013, p.140).

Como é alertado pelos autores acima citados, o Sul de Minas Gerais, possui uma grande possibilidade de pesquisa frente à riqueza e *corpus* de análises disponível, com diferentes gestos de leitura que aguardam estudos discursivos. Para tanto, analisar estes documentos envolve compreensão de categorias teóricas fundamentais, como, por exemplo, o discurso fundador. De acordo com Orlandi (1993),

E se na prática utilitária não conseguem encontrar o que procuram [...] na prática simbólica realizam essa passagem: instituem um outro lugar de sentidos estabelecendo uma outra região para o repetível (a memória do dizer), aquela que a partir de então vai organizar outros e outros sentidos, [...]. É a isso que chamamos discurso fundador. (ORLANDI, 1993, p.15).

Trabalhar com o discurso fundador vai além de estudar o passado, pois é sobre essa memória que podemos entender o presente e os formadores de sentidos que estabelecem identidades para a importância dessa resistência dos sujeitos congadeiros em continuar com a realização ou não da festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade até os dias atuais.

Ao buscar definir o discurso fundador, percebe-se que não existe uma definição exata, o que existem são os sentidos para esse discurso, um conjunto de reflexões que nos fazem analisar a relação de uma determinada história. Orlandi traz claramente uma dessas reflexões:

O Discurso Fundador, tal como o tratamos nessa reflexão conjunta, não se apresenta como já definido, mas antes como uma categoria do analista a ser delimitada pelo próprio exercício da análise dos fatos que o constituem, observada sua relevância teórica. Mais especificamente em relação à história de um país, os discursos fundadores são discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país. E a nossa tarefa é então mostrar como é que eles se estabilizam como referência na construção da memória nacional. (ORLANDI, 2003, p. 7).

O discurso fundador está ligado a um imaginário e a uma construção de memória, que funciona como referência para a construção do início, do novo ou até mesmo “origem” contada de algo ou lugar, em que poderão existir várias vertentes. Para Orlandi (2003) tratam-se de espaços da identidade histórica: é memória temporalizada que se apresenta como institucional legítima.

Não é a cultura ou a história factuais, mas a das lendas, dos mitos, da relação com a linguagem e como os sentidos. É a memória histórica que não faz pelo recurso à reflexão e às intenções, mas pela “filiação” (não aprendizagem). Aquela na qual, ao significar, nos significamos (ORLANDI, 2003, P. 13).

Neste sentido, o Discurso Fundador está relacionado ao conceito de identidade e a um processo simbólico que articula com o inconsciente, na busca de transformações e rupturas com algo já inserido, “ruptura que cria uma filiação de memória, com uma tradição de sentidos e estabelece um novo sítio de significância” (ORLANDI 1993, p.23-24). Para autora, o discurso fundador vem como aquele que (re)significa, instituindo outra memória.

O discurso fundador está ligado à memória, e se faz presente, produzindo efeito de sentido nos sujeitos que se identificam com os discursos ali apresentados. Conforme destaca Orlandi (2003, p.14),

é talvez esse efeito que o identifica como fundador: a eficácia em produzir efeito do novo que arraiga, no entanto, na memória permanente (sem limite). Produz efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim. (ORLANDI, 2003, p.14)

A formação de uma memória está ligada aos discursos que foram produzidos e assimilados em cada sujeito, assim esses discursos serão transmitidos, repassados, buscando formar uma “identidade”, seja ela nacional ou local. Homens negros e mulheres que movimentam a história do festejo estão ocupando uma posição sujeito que é afetado pelo simbólico, pela ideologia.

A ideologia constitui o sujeito, provocando determinados sentidos, para Laraia (2013, p. 24), “a ideologia intervém nas relações do sujeito com a língua”, pois a ideologia juntamente com o sujeito e o discurso vão constituir a língua. Em relação à ideologia, Orlandi assinala que:

Não há realidade sem ideologia. Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. (...) a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário. São assim as imagens que permitem que as palavras colem com as coisas (ORLANDI, 2012, p.48)

A ideologia não deve ser vista somente como meras ideias, ela possui uma existência material. Para Althusser (1992, p.08)

trata-se de estudar as ideologias como um conjunto de práticas materiais necessárias à reprodução das relações de produção. O mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o seu lugar é o mecanismo da sujeição.

A formação ideológica está presente na formação discursiva e é diretamente determinada pelo contexto políticos, social em que estão inseridas. Entende-se assim que a ideologia está nas construções imaginárias formadas pelos sujeitos, através de sua formação e na relação de sua história com sua linguagem. Orlandi (2012, p. 48) acredita que “é também a ideologia que faz com que haja sujeitos”, através da interpelação ideológica do sujeito, inicia-se a sua discursividade.

O funcionamento da ideologia compreendido discursivamente produz evidência. Orlandi (2012) afirma que a ideologia é uma necessidade teórica para compreender a historicidade, o real da história, a constituição dos sujeitos e dos sentidos, produzindo um direcionamento do movimento para o sentido, de efeito ideológico.

1.3 Historicidade e Memória Discursiva

Para trabalhar com o funcionamento dos discursos sobre as relações de gênero na festa de Nossa Senhora do Rosário, é necessário entender o conceito de historicidade, pois como destaca Costa (2013, p. 87), “dessa forma, é importante acentuar que a historicidade refere-se ao modo como os sentidos são produzidos, como a história dos sujeitos e dos sentidos e a situação são discursivizadas”. Esse conceito se faz importante para esta pesquisadora, pois ao analisar as falas dos depoentes, conseguimos perceber como os sentidos estão sendo constituídos pelos sujeitos.

De acordo com Nunes (2005, p.1), “trabalhar a historicidade implica em observar os processos de constituição dos sentidos e com isso desconstruir as ilusões de clareza e de certitude”, a historicidade, para os analistas de discurso, possui um sentido de interpretação de questionamentos, e aos historiadores ligados à análise de discurso, como é o caso desta pesquisadora. Cabe-nos questionar a transparência da linguagem.

Segundo Falcon (1997, p.180) os historiadores sociais da nova história “tiveram e mantêm vivos seus compromissos com a historicidade e se preocupam em ‘construir novas continuidades’ e levantar novas ‘pontes para a experiência’ social e humana”, por isso não devemos analisar a história através de apenas um método, é preciso inovar e trabalhar com várias formas de análises.

Como a historicidade busca o modo de como os sentidos são produzidos coloca em perspectiva a história dos sujeitos e dos sentidos, trabalhamos nesta pesquisa a oralidade, analisam-se as narrativas dos principais sujeitos deste trabalho, por isso se faz necessário trabalhar a historicidade na oralidade.

Ao analisar um discurso, percebemos que este está diretamente ligado na maneira de como a sociedade se significa, se forma. Desse modo, trabalhar com a história oral e Análise de discurso é a possibilidade de perceber como a historicidade do discurso “refere-se ao modo como os sentidos são produzidos, como a história dos sujeitos e dos sentidos e a situação são discursivizadas.

Para Domingues:

Fonte oral e a observação dos gestos e das expressões corporais tornaram-se fundamentais para a reconstrução da história individual e social do festejo ... Compreendendo as recordações dos depoentes como olhares múltiplos, expressões de diferentes tempos vividos, experimentados individual e socialmente; foi possível perceber nas narrativas orais o ir e vir da memória, possibilitando a reflexão sobre a diversidade das experiências vividas por cada um. (DOMINGUES, 2007, p.21).

Observando as histórias dos depoentes, tem-se a sensação de se estar vivendo cada momento do festejo e observa-se como cada sujeito se constitui nesse discurso. De acordo com Domingues:

A história oral tem sido uma das grandes contribuições ao estudo das experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, abrindo um caminho de conhecimento e possibilidades de valorização de grupos sociais até então invisíveis na documentação escrita. (DOMINGUES, 2012, p. 21).

Através da historicidade das narrativas orais dos depoentes, foi possível compreender a riqueza de suas memórias. Isso porque, através da história oral, veio à tona informações que normalmente não são encontradas nos documentos oficiais.

A busca pela valorização da história oral através das memórias dos depoentes é uma conquista diária, estando sempre em movimento, buscando compreender como a memória e o discurso que ela produz funcionam em cada sujeito. Para Domingues (2012, p.21), “entender a memória é compreender que a história é constantemente recontada a partir de um ir e vir no qual os relances da memória ora realçam uns fatos, ora reprimem outros”, a historicidade envolvida nessa memória discursiva nos ajuda a compreender os sentidos do festejos para as congadeiras de São Gonçalo do Sapucaí.

Para Melo (1999, p. 100) “a noção de memória discursiva exerce, portanto, uma função ambígua no discurso, na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera”, muitas das memórias são silenciadas, por diversos motivos, e através desses silenciamentos, surgem novos discursos, que vão se constituindo com o passar do tempo.

Domingues (2007, p.122) afirma que é “instituindo um campo de memórias atravessado pelos conflitos de classe, que nos conduz a outras histórias”, através dessas memórias que conseguimos entender as histórias do passado e nos faz compreender nosso presente.

Ainda ao pensar na memória, Orlandi (1999, p.64) destaca que “A memória (...) é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentidos. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer”. Quando retoma-se algo da memória, deve-se considerar as condições sócio-históricas que estão funcionando neste sujeito, seus valores, suas crenças. Em outras palavras, deve-se levar em consideração que existe uma circulação de sentidos impulsionando a oralidade do sujeito. Sobre essa questão, Pêcheux (1999, p. 52) aponta que:

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.)

A partir das palavras do autor, compreende-se que à medida que o sujeito usa palavras de outros sujeitos em um contexto, no dia a dia, ele está sempre movimentando essa memória, esses pré-construídos, e, na maioria das

vezes, nem percebe esse funcionamento em que algo que se diz, já foi dito por alguém, em algum lugar.

Domingues (2007, p.20) defende que “a memória é, portanto, experiências historicamente construídas e constantemente modificadas que fazem do passado uma dimensão importante na constituição do presente”. É através da memória que se torna possível compreender as práticas culturais exercidas pelos participantes do festejo, suas danças, gestos, canções e emoções que ainda se fazem presente até os dias atuais. Nesse sentido, trabalhar a memória discursiva da mulher congadeira sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário, é fundamental para compreender como elas se significam no festejo nos dias atuais.

O festejo de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí-MG, é um acontecimento permeado de memória e ideologia. Para este estudo trabalha-se com memória, pois como ressalta Lima (2013, p. 2), “Os lugares de memória são os registros de todo o processo de identificação dos sujeitos com o espaço no qual se inserem e as decorrentes relações que se estabelecem a partir dessa identificação”. Ao falar da sua memória, o sujeito se insere em uma posição, que muitas vezes fortalece sua afirmação, de modo que as mulheres estão assim, marcando seu espaço na sociedade.

1.4 Discurso feminino/ feminista

Para analisar como se dão os discursos sobre as relações em torno do papel do sujeito mulher congadeira, a busca pela identidade e sua representação na festa de Nossa Senhora do Rosário, e como suas práticas (re)significam a cultura afro-brasileira para a manutenção da cultura e resistência da festa, precisamos entender primeiramente o dispositivo analítico teórico da Análise de Discurso.

Conforme destaca Orlandi, todo discurso faz parte de um estado discursivo, já que as formações discursivas se distinguem por causa das formações ideológicas, sendo assim, o sentido será determinado ideologicamente:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que inscrevem. As formações discursivas por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Deste modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja (ORLANDI, 2009, p. 43).

Ainda para Orlandi, o discurso são efeitos de sentido, levando em consideração as ideologias e as condições de produção histórica. Nesse sentido, iremos trabalhar os efeitos de sentido no discurso da mulher no festejo, a mulher que atua no cozinhado, nas costuras, nos ternos seja as participantes a frente ou por traz da festa, buscar compreender os sentido da sua presença na festa.

Trabalhar com discurso feminista nesta pesquisa é importante, pois traz visibilidade às mulheres enquanto sujeitos históricos, vai além de diferenciar ou **identificar os homens e as mulheres**, ou dizer que seja sexo masculino e sexo feminino, é analisar a relação da mulher no ambiente de um festejo de resistência de mulheres que em sua maioria são negras, descendentes de africanos e escravos, que vivem uma sociedade a qual ainda não se desvencilhou do pré conceito.

Ao colocar os discursos feminino/ feminista neste trabalho, percebe-se as dificuldades de reconhecimento do papel que o sujeito mulher congadeira enfrenta, pois ser negra, pobre e mulher em uma sociedade patriarcal, classista, racista, homofóbica e machista é muito difícil, vivem constantemente disputando lugares, se agenciando com táticas e estratégias⁵ para se fazerem presentes neste lugar social.

⁵ Estratégia o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito com algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças.

Tática é movimento dentro do campo do inimigo, e no espaço por ele controlado. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base de estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. A tática é determinada pela ausência de poder assim como estratégia é organizada pelo postulado de um poder. CERTEU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 99-101.

Esses discursos ganham influências através dos movimentos feministas como ressalta Amorim:

O movimento feminista, primeiro buscava a garantia de direitos iguais aos homens: trabalhar, jornada de trabalho menor, liberdade sexual, entre outros. Passada a euforia de todas as conquistas, a mulher ainda não obteve êxito no reconhecimento social e financeiro, obviamente há exceções. Infelizmente, de maneira geral a mulher ainda é vista com desconfiança no exercício profissional (AMORIM, 2011, p.1).

Os discursos femininos sempre existiram, trazendo com si os discursos sobre o comportamento da mulher na sociedade, concepções de ideias de como ela deve expressar sua identidade no dia a dia, corpo e seu comportamento, características de um feminino tradicional que a mulher deve ser dependente financeiramente e emocionalmente do homem, onde a mulher deve ser educada para cuidar da casa do marido e dos filhos, e qualquer mulher que não se encaixe nesse padrão são consideradas como mulheres que não servem para viver em sociedades, são sujeitos excluídos.

Através dos discursos femininos, surgiram os discursos feministas, ambos possuem como objetivo principal a mulher.

Ressalta Rago:

Este quadro ampliou-se, posteriormente, com a explosão dos temas femininos da Nouvelle Histoire, como bruxaria, prostituição, loucura, aborto, parto, maternidade, saúde, sexualidade, a história das emoções e dos sentimentos, entre outros (Rago,1998,p.13).

A partir da revolução Francesa em 1791, um dos nomes marcante da época foi o de Olímpia de Gouges, que proclamou, em uma declaração, que a mulher possuía direitos idênticos aos dos homens. No Brasil, o movimento ganha força somente no final dos anos setenta. De acordo com Oliveira (1969, p.424), o feminismo pode ser definido como um “movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos cívicos e políticos”.

Coelho e Gomes também compartilham da ideia de que:

Feminismo é um movimento social e político que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, buscando dessa forma a libertação de padrões patriarcais estabelecidos em nossa sociedade.

O movimento feminista contribuiu nas organizações de lutas pautadas na emancipação da mulher, questionando sua condição subordinada, hierarquização dos sexos, discursos e práticas em torno da mulher, enfim a luta conquista da cidadania plena (COELHO; GOMES, 2015, p.02).

O feminismo teve como ponto inicial a busca pela igualdade aos direitos políticos sociais, o movimento obteve varias conquistas, como exemplo o direito ao voto, porém ainda existe muitas resistências e preconceitos, ainda é preciso lutar contra a violência sexual, violência domestica, reivindicar o respeito as suas escolhas.

O movimento feminista negro surge em razão da falta de espaço, social e político das mulheres negras no interior do movimento feminista que é predominado por mulheres brancas.

Como nos ressalta Carneiro:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil (CARNEIRO, 2003,p.10).

A mulher negra sofre uma dupla discriminação sobre sua etnia e gênero, pré-conceitos enraizados pela sociedade, pois apesar da mulher negra participar dos movimentos feministas, esses movimentos eram formados pela maioria por mulheres branca, com isso a luta da mulher negra pelo espaço político é restrito e invisível, com isso se fez necessário o surgimento do feminismo negro.

Na concepção de Gomes:

As mulheres negras perceberam que, mesmo estando nas lutas sociais havia uma ausência de percepção de gênero nas discussões, reflexões e proposições de superação do racismo, bem como a ausência de raça na luta pela igualdade de gênero (GOMES, 2008, n de serie 160).

As mulheres negras sentiram-se a necessidade de criar um movimento voltado para o silencio que o movimento feminista fazia perante o racismo, ao perceber que não havia questionamentos sobre o assunto, a mulher negra abre espaço para essas inquietações trazendo novas aberturas para a discussão e a

luta diária contra o racismo através do movimento feminista de mulheres negras.

Através dos estudos dos discursos feminino/feministas, consegue se analisar o sentido da mulher congadeira no festejo, suas dificuldades e suas emoções na/da festa, buscando quebrar (pré) conceitos e estereótipos instaurados na sociedade, pois segundo Amorim (2011, p.24) “A mulher ligada à congada não tem uma visibilidade pública significativa, pois o congo é o personagem principal do imaginário e na memória da sociedade”, A mulher congadeira, por muito tempo seu papel no festejo esteve praticamente ausente, sem reconhecimento de sua participação e importância, sempre atrás das cortinas.

Ainda para Amorim

A história da mulher no Brasil em várias escalas nos lembra a história do invisível. Apesar do papel fundamental que desempenham em vários departamentos da organização e execução da Festa do Rosário, a importância da mulher parece ter um papel secundário, de bastidores. A mulher é aquela que cozinha, costura, lava farda e conduz ternos. (Amorim, 2011, p.03).

O homem congadeiro possui visibilidade a frente do festejo, mas são as mulheres que fazem e acontecem na realização e execução da festa, pois atrás dos homens que aparecem perante a sociedade e a comunidade, são as avós, esposas, filhas, mães que dão todo suporte e base, como cozinhar para os congadeiros e festeiros, costurar, lavar e passar as roupas que são utilizadas pelos integrantes dos ternos de congo, reis e rainhas, decoração dos Standards dos santos de devoção, é através das produções destes sujeitos congadeiras que são consideradas invisíveis que, se fazem necessário buscar sua visibilidade através de seus movimentos de resistências e (re) significações de sua importância para o acontecimento da festa, pois sem essas mulheres o festejo não aconteceria.

Segundo Nogueira:

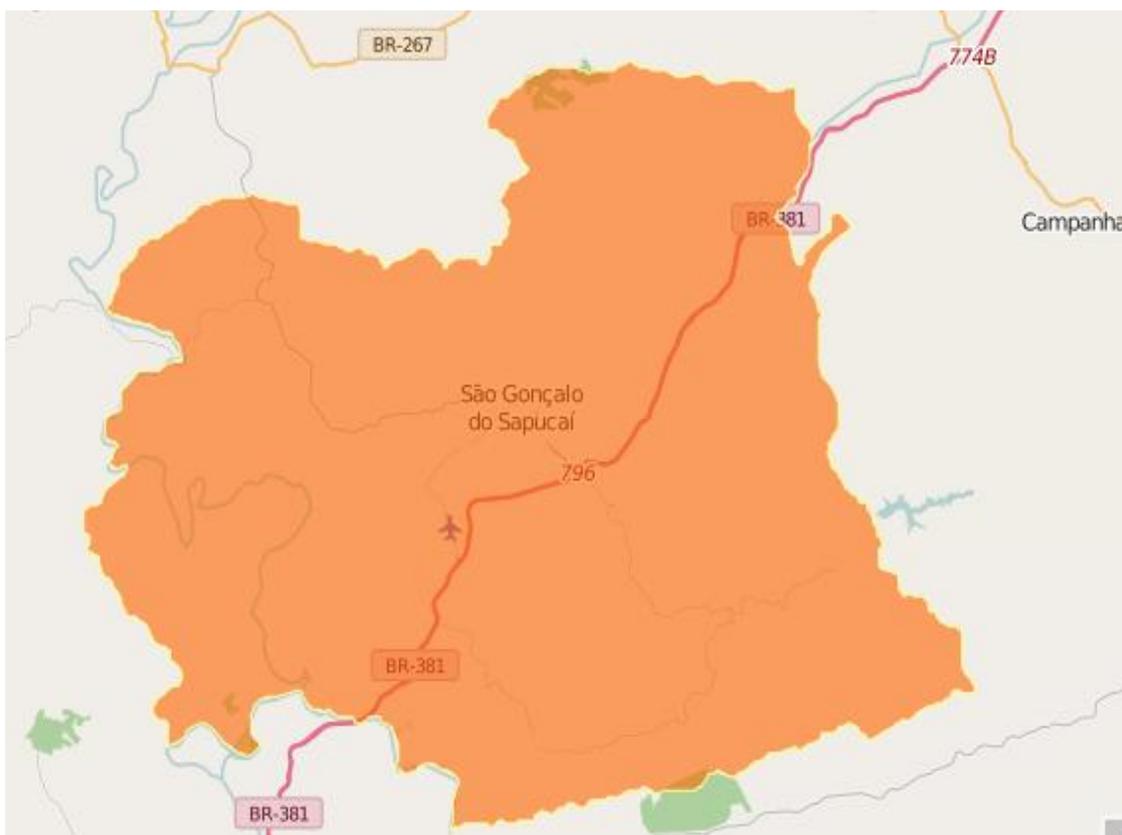
A mudança necessária à plena igualdade foi sempre o objectivo central das várias teorias e movimentos feministas ao longo do tempo, apesar do próprio conceito de feminismo ter sido sempre muito controverso dando origem a diferentes posturas, que ainda coexistem e que inclusive, por não serem bem difundidas, confundem a população acerca do objectivo central.. (Nogueira.1996. p. 4)

Através das produções discursivas do feminismo as mulheres negras buscam conscientes da importância de seu papel na história, buscando romper com essa prática de opressão sobre a mulher negra, desmistificando situações de conflito e exclusão, contribuindo para a conquista de uma visibilidade como sujeito congadeira.

CAPÍTULO II

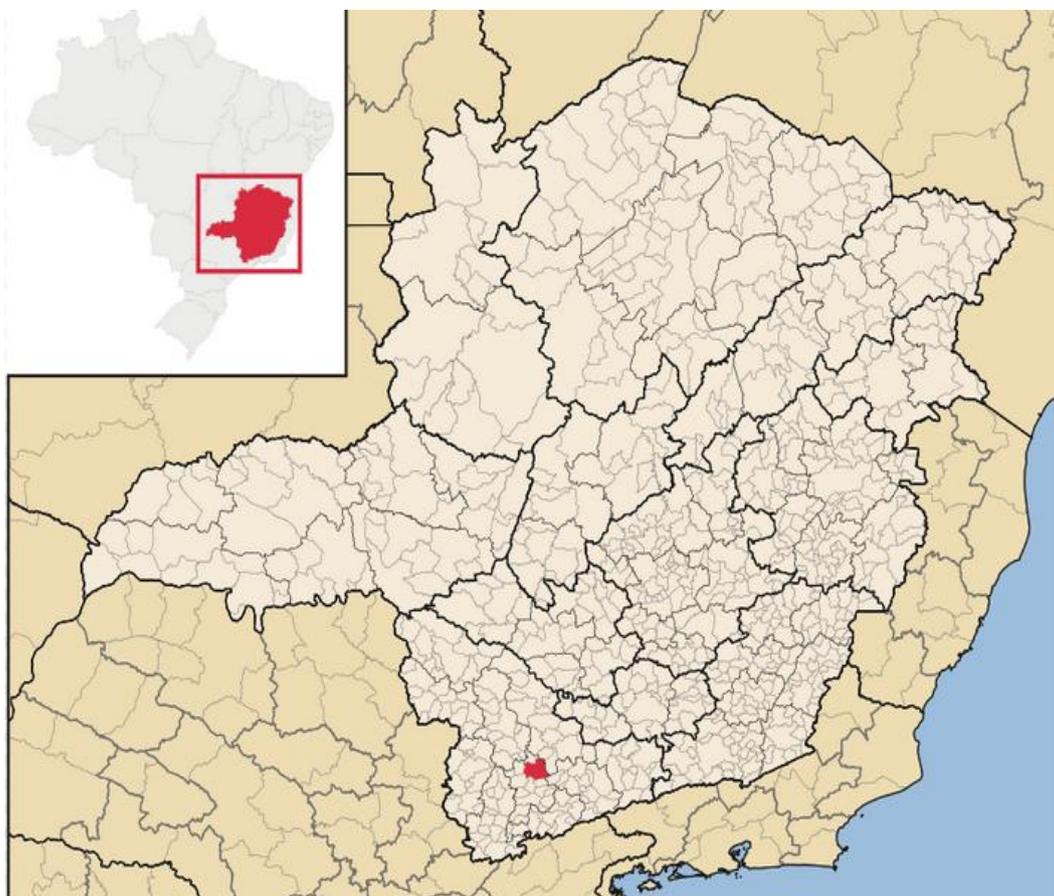
“ONDE ERA A IGREJA DO ROSÁRIO, A FESTA ACONTECIA”

A cidade de São Gonçalo do Sapucaí-MG está localizada às margens da rodovia Fernão Dias, no sul de Minas Gerais, aproximadamente a 275 km de São Paulo e a 340 km de Belo Horizonte, a capital do Estado de Minas Gerais e próxima dos municípios de Pouso Alegre, Varginha, Três Corações e Campanha. As atividades econômicas são os setores de serviço e indústria com destaque para a fábrica de alimentos Vigor. Segundo os dados estatísticos do IBGE, a sua população é de aproximadamente 23.906 habitantes e o município se concentra ainda em uma área de 516,683 km².



Mapa 1- Localização de São Gonçalo do Sapucaí via rodovia Fernão Dias, 2015.

Nos textos memorialísticos sobre a cidade, sempre é descritivo que São Gonçalo do Sapucaí começou como arraial, na fase aurífera, por volta de 1740, uma região com grande fluxo de ouro, sendo povoada primeiramente por bandeirantes e escravos para mão de obra no ciclo do ouro. Depois da fase aurífera, a agropecuária passou a ser o forte na região, com as principais atividades de produção de leite e cafeicultura. São Gonçalo da Campanha do Rio Verde como era denominado, devido ao povoado pertencer à cidade de Campanha. No ano de 1743, o município é elevado à categoria de arraial e, somente no ano de 1880, o arraial consegue sua emancipação, (NOVIELLO, 1995).



Mapa 2- Localização de São Gonçalo do Sapucaí-MG, 2015.

Um dos principais movimentos da cidade é o festejo de Nossa Senhora do Rosário que, desde o século XVIII, iniciou-se com a realização da congada que é uma representação à coroação dos reis do Congo, reinos africanos na

luta entre mouros e cristãos. Os negros escravizados africanos que vieram para o Brasil trouxeram suas ideologias que fazem parte de características marcantes nas comemorações do festejo.

Os sentidos de coroação do reinado, reis e rainhas ganharam espaço, sendo parte indispensável para o início da festa que se resignificou durante os anos, como uma forma de resistência e afirmação de identidade. Como destaca Souza (2001):

Foi na América portuguesa que a eleição de reis negros e sua comemoração festiva este mais difundida, existindo comprovadamente desde o início do século XVII, ganhando força no XVIII, mudando de feições no XIX e ocorrendo ainda hoje em várias localidades brasileiras (SOUZA, 2001, p.179).

Em documentos oficiais, como, por exemplo, o inventário da cidade de São Gonçalo do Sapucaí-MG, a festa foi oficializada na data de 1939, mas, conforme dados do Jornal Sapucaí News (2012), “A primeira citação escrita e documentada, data do ano de 1880, quando João Paulino, apelidado de João Flora, tomou a chefia dos ternos de congada em São Gonçalo do Sapucaí”. Observa-se que não há consenso, nos documentos consultados, sobre a data de início dessa celebração. De fato, existem várias fontes informais, como em conversas informais, com moradores da cidade de São Gonçalo que afirmam que o festejo já acontecia muito antes da guerra do Paraguai. Em conversa com o Sr. João Rufino, por exemplo, este relata que:

A origem aqui mesmo, começou em 1808, certo! Quando começou a festa do Rosário, e já era um arraial ainda sabe, a igreja do Rosário lá, era uma capelinha do cemitério, onde é a igreja do Rosário certo e a festa acontecia. (Entrevista com Sr. João A. Rufino, ex. presidente da antiga Irmandade).

O Sr. João Rufino é um homem negro de aproximadamente setenta anos, residente na cidade de São Gonçalo do Sapucaí, local de seu nascimento. Atualmente, ele é oficialmente secretário de cultura da cidade. Tendo sido também, em anos anteriores, o presidente da irmandade dos homens pretos e congadeiro. Sr. João Rufino é, pois, um depoente de relevância para essa pesquisa, pois sua história de vida parece se confundir com a história do festejo e da irmandade. Em sua narrativa, observa-se que ele

tem necessidade de destacar marcas temporais, quando afirma começou em 1808, certo, pois para ele se faz necessário registrar em sua memória, já que os documentos oficiais não possuem uma exatidão na data, para ele significar não apagar esse período importante para a festa.

João Rufino fez questão de buscar em sua memória o discurso vinculado à questão da origem, do festejo conectando ao ano de 1808, um tempo que marca a história da escravidão de nosso país, ou seja, mesmo sem ter vivido este período fez questão de afirmar que a festa é algo de tempos remotos, de escravidão. Neste fragmento, verifica-se que a memória não é algo pronto, acabado. Ela não nasce do nada, há lembranças que são repassadas de geração a geração, como forma de identidade e de resistência. Isso permite compreender que a festa é dos negros e está ligada à religiosidade, à santa (Nossa Senhora do Rosário) que é considerada no Brasil como a mãe dos homens pretos. Nas palavras de Sr. João Rufino é desta maneira a festa “acontecia”.

Observando corpus em análise nesta pesquisa, seja ele textos memorialísticos e as narrativas orais, percebe-se que ambos produzem sentidos para compreender o festejo.

Como alerta Domingues (2016):

“não apenas como um fato histórico, estagnado no passado em tempos remotos e sim como um acontecimento histórico que gerou o acontecimento discursivo, que produz efeitos de sentidos a partir da historicidade do acontecimento emitido pelos discursos, que se atualizam, circulam em diferentes tempos e participam constantemente do processo identitário dos diferentes sujeitos, envolvimento no festejo que é um acontecimento histórico e discursivo” (DOMINGUES, 2016, p.15).

Pelas palavras da autora, compreende-se que a interpretação deve estar vinculada ao acontecimento histórico e discursivo que se atualiza no presente, sempre pautado nas experiências do passado e que e conduzindo ao futuro. Um acontecimento “é um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”, segundo Pêcheux (1990, p.17).

O acontecimento discursivo produz rupturas e deslocamentos de uma prática discursiva, como esclarece Zoppi-Fontana:

O acontecimento discursivo produz rupturas de uma prática discursiva pela transformação dos rituais de um processo de reformulação parafrástica de sentidos pela mudança das condições de produção; a emergência de um enunciado ou de uma posição de sujeito novos que refiguram o discurso, e através deste participam do processo de produção do real histórico” (Zoppi-Fontana, 2002, p.05).

Nessa perspectiva, o festejo pode ser compreendido como um acontecimento discursivo, pois em seu funcionamento, a festa apresenta-se em constante movimento que conecta o passado com o presente, rompendo com as discursividades que circulam na sociedade, produzindo falhas, fissuras nos sentidos que cristalizados, sobretudo, àqueles que concernem à comunidade negra.

2.1. “Família tradicional, escravos libertos, batidas do congo, senzala e liberdade”

Considerando-se que “acontecimento histórico (...) pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentidos diversos (DELA- SILVA, 2008), é preciso compreender como ocorre a festa no cotidiano da cidade. Além disso, deve-se refletir sobre as experiências vivenciadas e suas diversas dimensões, pois como aponta novamente Domingues (2016) “o festejo está vinculado a uma redefinição do político, as condições de produções, as formas de se fazer e se dizer no espaço rural e urbano, que se resignificam cotidianamente”.

De acordo com o jornal “A Folha do Mineiro” (2016), a Festa em São Gonçalo do Sapucaí acontece 50 dias após o domingo de páscoa, acompanhando o calendário religioso. Fiéis unem as comemorações de pentecoste com o Louvor à Nossa Senhora do Rosário, data em que se comemora a subida de Jesus Cristo aos céus e o agradecimento à Nossa Senhora do Rosário pela ajuda aos negros.

Analizamos que o sentido de ressignificar o festejo pela igreja católica é a tentativa de silenciar o festejo de raízes africanas, com o desvio de atenção para comemorações católicas, pois é vista por muitos católicos como um ato profano que a festa seja iniciada pelos negros e com cânticos relacionados as raízes africanas



Imagem 01- Subida do reinado, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Ao observar a imagem 01, percebe-se a relação do sagrado e do profano nas danças remetem a rituais africanos. Isso permite observar as formações ideológicas funcionando no acontecimento discursivo do festejo. O estandarte traz uma imagem de representação católica, do sagrado, a Nossa Senhora do Rosário, sendo carregada por uma mulher negra e cortejada pelos congadeiros que cantam, dançam ao som dos tambores que ressignificam a memória do tempo de cativeiros com canções de liberdade e igualdade. O sagrado e o profano se hibridizam, pois o festejo faz reverência a uma santa católica branca, mas, ao mesmo tempo, é ornamentada por vários adereços oriundos de tempos e povos africanos.

Os escravos e forros deram início a esse festejo, sujeitos constituídos ideologicamente que traziam em suas práticas culturais a devoção à Nossa

Senhora do Rosário. Essa devoção se materializava sob a forma de pequenos ternos de congo, dos santos de adoração que eram celebrados com cantos e danças. Esses rituais, passados de geração em geração, duravam em média 14 dias e tinham como objetivo agradecer à Nossa Senhora. Para o congadeiro Jorge Bala:

Minha família é uma família tradicional da congada, filhos de escravos, escravos já libertos e estão envolvidos de uma maneira muito especial. Meus avós, bisavós e tataravós escravos, reverenciava nossa senhora de uma maneira muito especial, através das batidas de congo. Mesmo na senzala, na época da escravidão, os escravos queriam a liberdade eles prometiam algo a nossa senhora, e reverenciavam através das batidas. “Jorge Bala. (Radialista congadeiro. Documentário “Conheça a tradição da Festa do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí, 2012”).

Jorge Bala, homem negro, congadeiro, radialista, residente em São Gonçalo do Sapucaí-MG, produz um discurso perpassado pela “escravidão”. Isso permite compreender o festejo como um acontecimento histórico e discursivo que ressignifica família tradicional, escravos libertos, batidas do congo, senzala e liberdade. Deve-se destacar aqui que, as palavras do depoente colocam em funcionamento uma memória discursiva que remete às condições de produção de homens e mulheres negros, escravos, que viviam cotidianamente sob o poder dos homens brancos, explorados e escravizados. Estes escravos, à época, celebravam Nossa Senhora do Rosário para clamar liberdade através das “batidas do congo”, um ato de resistência que permanece até os dias atuais, nas canções e movimentos do congado. Essas praticas culturais, como já se destacou ao longo dessa reflexão, foram passadas de geração a geração como é representado na imagem 02.



Imagem 02- Subida do reinado.

Na imagem 02, há muitas crianças e jovens participando do ato da congada que através da oralidade e visualização aprenderam o congado e construíram sentido para a memória discursiva. Isso acontece porque o sujeito é interpelado pela ideologia e se identifica para poder se dizer no acontecimento do festejo. Desde pequenas, essas crianças, guiadas pelos seus pais, já atuam no cortejo como representantes do congado, assumindo papéis diversos de congadeiros mirim, porta bandeira, instrumentalistas, etc.

Homens e mulheres negros recebem uma carga de preconceitos e discriminações mais fortes, pode-se dizer, que os outros povos e grupos. Isso porque, além do sentido historicamente constituído de povo escravizado, eles têm características físicas e culturais vinculadas à comunidade africana que acaba produzindo um efeito de sentido pejorativo e de inferioridade. Para Thompson

cultura é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho (THOMPSON, 1998, p.22.)

Ao transmitir os costumes através de geração para geração, como forma de luta e resistência, o sujeito negro busca diminuir a omissão de sua cultura, de sua história africana e afro-brasileira que vem sendo silenciada por séculos. Quando se nega o valor da cultura africana, como, por exemplo, culinária, crenças, danças, nega-se também a própria história e põe-se em funcionamento valores de inferioridade para os afrodescendentes construindo uma falsa impressão de que o sujeito branco é superior ao negro. É, justamente, contra esses sentidos e essas formas de significar a comunidade negra que as festas de congadas lutam e resistem: “Nossa Senhora do Rosário, ela é protetora dos escravos, tanto é que a igreja do Rosário, lá era o cemitério né, em baixo da igreja só tem ossos dos escravos” (Congadeira, Ana Maria Veiga da Luz).

Para a depoente Ana Maria Veiga da Luz, a liberdade dos escravos foi concedida através dos pedidos de orações e louvores que os escravos faziam. Desse modo, uma forma de reverenciá-la é dando continuidade ao festejo, com isso, considera-se que o lugar mais apropriado para a construção da igreja em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, deveria ser onde seus filhos de oração estavam. De acordo com a pesquisa realizada, a igreja de Nossa Senhora do Rosário foi construída aproximadamente no final do século XIX. Observa-se, pelos documentos analisados, que parece não haver consenso quanto a data específica: alguns documentos, como, por exemplo, o histórico do Bem da Cultura, apontam que a capela do Rosário já existia em 1820; outras fontes indicam que ela existia 1808 conforme inscrição em um dos sinos da igreja datado em 1808, com a inscrição “Viva a Nossa Senhora”.



Imagem 03- Igreja de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí-MG.

A partir da análise de diferentes materiais, observa-se que a capela surge desde o período da escravidão em nosso país, tendo como padroeira a santa considerada protetora dos homens negros. Verifica-se também, com base nesses materiais que a construção da capela foi realizada por escravos e até o tempo presente mantém os santos de devoção dos escravos, como São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Essas informações podem ser verificadas no “Dossiê de Tombamento do Município de São Gonçalo do Sapucaí-MG” e nos relatos de depoentes, sobretudo aquele do Sr. Rufino “A tradição vem ainda da época da escravatura. Os negros, para honrar a Virgem do Rosário, faziam batuques e danças, acompanhados de rezas e cantorias”. A igreja foi fundada para que a comunidade negra tivesse um espaço para realizar suas devoções. Observe-se ai que há um encontro de culturas e de religiões: os escravos passaram a associar seus santos africanos aos santos

católicos como uma estratégia, como uma forma de resistência e agenciamento⁶ como um ato de passar sua cultura para manter suas tradições.

2.2 Raízes, fé e tradição “eu digo para essa geração mais jovem, que devem ter amor pelas suas origens, suas raízes”

A festa de Nossa Senhora do Rosário é um dos maiores acontecimentos festivos na cidade de São Gonçalo, carregada por traços e culturas que remetem à vivência de homens e mulheres negros, que acreditam ser libertados da escravidão graças a Nossa Senhora do Rosário. Para a diretora do departamento da cultura de São Gonçalo do Sapucaí-MG, Sra. Fernanda Moreira,

“vejo como uma grande manifestação da Cultura do povo São Gonçalense. Lamento muito o fato de algumas pessoas não entenderem o seu real significado valorizando as nossas congadas. Mas muito se tem trabalho para mudar esta visão” (Fernanda Moreira, diretora do departamento da cultura de São Gonçalo do Sapucaí-MG, 2016).

A importância de preservar o festejo, mantendo viva sua cultura, se faz presente para a maioria dos descendentes de escravos e forros que deram início à festa. As práticas do cantar, dançar, festejar, nas batidas do congo ressignificam a esperança e a valorização do seu povo e, para os participantes da festa, ao receber o apoio do departamento de cultura, as chances de continuar se fortalecem.

A festa de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí (MG), dispõe de uma programação que contempla o religioso e festivo (atrações). O festejo conta com ampla divulgação através de outdoors, anúncios no rádio e cartazes espalhados pelas cidades da região com intuito de atrair visitantes para o festejo.

⁶ Agenciamento: Ação ou efeito de negociar

Programação Religiosa

Shows gratuitos – Ternos de congadas – Comidas típicas – Parques de diversão

ATRAÇÕES

14 maio / quinta-feira
19 horas
Missa
Levantamento dos Mastros

15 maio / sexta-feira
19 horas
Início da Novena
Missa

24 de maio / domingo
19 horas
Missa na Igreja Matriz
Procissão e apresentação dos Ternos de Congadas

25 de maio / segunda-feira
20 horas
Subida do Rosário / Troca de Coroas

26 de maio / terça-feira
20 horas
Apresentação dos Ternos de Congadas

14 maio
MOLÉCULAS DA REGAÇA

15 maio
MINAS BRASIL
Banda Show

16 maio
MILITARIA FANTASIA

17 maio
SHOW CALOUROS

de 18
a 21 de maio
ARTISTAS LOCAIS

22 maio
R&G7

23 maio

24 maio

25 maio

No dia 26 de maio:
Atrações
e Premiação
dos
Ternos
de Congadas

Cesar e Paulinho

Imagem 4- concedida pela secretária de Cultura de São Gonçalo do Sapucaí-MG .Cartaz da festa de Nossa Senhora do Rosário de 2015.

Os cartazes geralmente não se diversificam de um ano para o outro. Eles contêm a programação religiosa e as demais atrações. Do lado das atrações, os cartazes contam com as informações dos shows e seus respectivos participantes. Na parte religiosa, ressaltam-se os principais dias de festa, com horários das missas, o levantamento do mastro⁷, as apresentações dos ternos de congo e a subida do Rosário com as trocas de coroas.

Segundo Fernanda Moreira “a Festa apresenta uma cerimônia carregada de traços folclóricos e culturais que é a troca de coroas dos reis, rainhas, príncipes e capitães de mastros”. A depoente considera sendo esse um momento muito importante para os congadeiros, pois é nessa hora que é escolhido o novo rei e rainha (festeiros) do próximo ano, sujeitos que ficaram responsáveis pela

⁷ O mastro é um grande tronco de aproximadamente seis metros tem em uma de suas extremidades a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e outras imagens sacras.

realização e continuidade da festa, juntamente com a ajuda da associação de congadeiros e a irmandade.

Como destaca Domingues:

Os festeiros são as pessoas de maior evidência da festa. Devem coletar as “esmolas”, coordenar as ações para levantar fundos, como por exemplo: bingos, bailes durante o ano, administrar e organizar as atividades como a vinda dos ternos de congo, tratar da divulgação da festa e, principalmente do oferecimento das refeições, ou seja, garantir o banquete àqueles que participam da festa. Os chamados festeiros tornam-se reis e rainhas durante os dias da festividade, assumindo o papel de uma espécie de governo que tem como função realizar e organizar a festa (Domingues, 2007, p. 51).

Normalmente, esses os sujeitos congadeiros e participantes do festejo se reúnem após o fim do festejo, para começar a preparação da próxima festa que é realizado, normalmente, no mês de maio. Esse trabalho exige muito esforço para sair no comércio da cidade e até mesmo nos arredores do município de São Gonçalo do Sapucaí para poder conseguir doações, arrecadar prendas e alimentos. É necessário assumir o papel de administrador para delegar funções e organizar a festa.

Por alguns anos, mulheres e homens negros, descendentes dos percussores da festa, ficaram excluídos das coroações de reis e rainhas, pois essas práticas de coroações estavam sendo passadas para sujeitos brancos, sendo em sua maioria de “elite”, pois possuíam o desejo de simplesmente desfilar pelas ruas como celebridades e estar na posição de sujeito rei e rainha traz um olhar de liderança e prestígio dentro do festejo. No ano de 2016, mulheres e homens negros, sujeitos congadeiros e descendentes dos percussores desse festejo e tradição, esses sujeitos que são excluídos pela sociedade serão os novos reis e rainhas da festa de Nossa Senhora do Rosário de 2017, sujeitos que resistiram e conseguiram retornarem para um momento muito apreciado por eles o ato de serem coroados.

Souza salienta:

Pensamos que a prática da congada é um forte elemento na constituição das identidades dos afrodescendentes sul mineiros, não há como não pensar que os afro descendentes que aqui organizaram

a congada, não recriaram o modelo de nação presente em sua memória discursiva, através dos rituais da coroação do rei

De acordo autor, é muito importante para o sujeito negro (a) congadeiro(a) o ato de serem coroados, pois são constituídos por uma memória discursiva, que é marcada pelo agradecimento e louvor que seus antepassados traziam, levando os a re significação e resistência.



Imagem 5- A transição da coroa para o próximo reinado. Retirando do jornal A Folha do Mineiro (2016).

A imagem 5, traz os festeiros que foram coroados em 2015 e exerceram o papel de reis e rainhas no ano de 2016, percebe-se que são homens e mulheres da cor branca, pessoas bem vestidas, de boa aparência, com característica de sujeitos pertencentes a classe média. Ser festeiro é assumir um papel discursivo de administrador, sujeito que consegue liderança e papel de destaque durante o período da festa.

No ano de 2016, os sujeitos da comunidade dos congadeiros conseguiram retomar para suas mãos as coroas, sendo composta por membros da mesma família tradicional da congada. Para dona Maria Rita, coroada rainha em 2016, mulher negra, filha, neta e bisneta de congadeiros

“é uma honra fazer parte dessa história, pois meus bisavós e avós lutaram para que essa irmandade crescesse. Essa coroação é uma homenagem aos meus país, especialmente minha mãe por tudo que fez por essa cidade e nossa comunidade”.

Ao analisar a fala de dona Maria Rita, observa-se a emoção e gratidão por ocupar a posição de rainha do festejo. Isso acontece não apenas pelo simples fato de desfilar nas ruas de São Gonçalo do Sapucaí, mas pelo fato de poder homenagear Nossa Senhora do Rosário, honra e gratidão pela libertação dos seus antepassados, que viviam na dor e sofrimento, muitos acorrentados sobrevivendo a uma senzala.



Imagem 6- A nova realeza. Retirado do jornal A Folha do Mineiro (2016).

O início da festa se realiza na igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde o reinado da festa, juntamente com os ternos de congo levam suas imagens sacras e seus mastros para serem abençoados. Neste momento, estão preparados para seguirem até o Largo do Rosário⁸ para o levantamento dos mastros, que ali permanecem até o final da festa. Um momento de fé e tradição, pois eles estão agradecendo e saudando os santos que estão nos mastros, pela libertação de seu povo.

⁸ Largo do Rosário, local este que circunda a Igreja do Rosário.

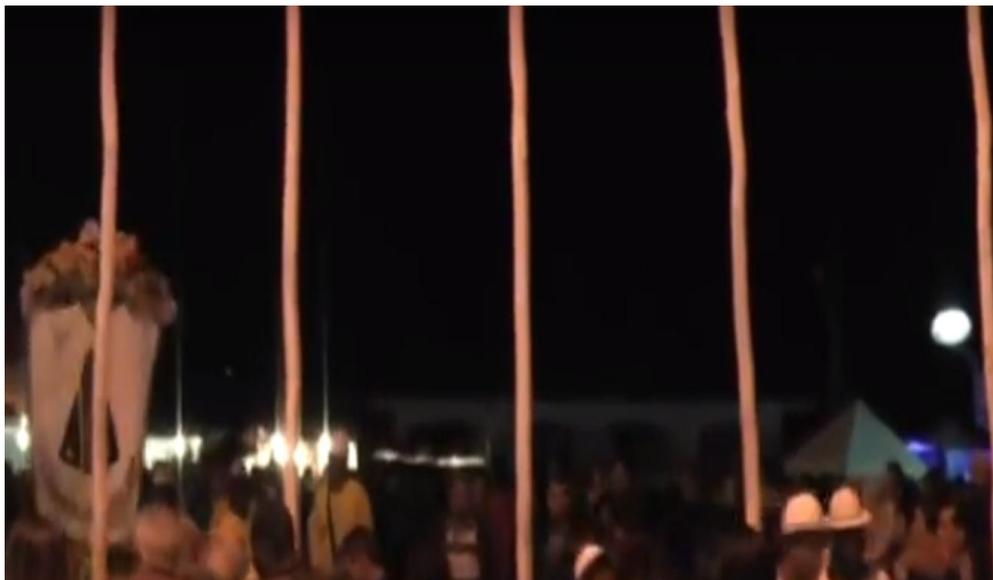


Imagem 7- Cedida pela secretaria de cultura de São Gonçalo do Sapucaí-MG. Levantamento do mastro, 2015.



Imagem 8- Retirada do documentário: Conheça a tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí-MG. Levantamento do mastro, 2015.

Após o levantamento do mastro é dado o início do festejo, os congadeiros saem pelas ruas de São Gonçalo do Sapucaí –MG, levando suas canções e com as batidas do congo que a cidade amanhece. Para o congadeiro Camilo, homem negro, com idade avançada, líder tradicional dos congadeiros da cidade de São Gonçalo do Sapucaí, “Afinal essa festa é nossa. Eu carrego comigo a verdadeira tradição”. Em suas palavras, observa-se o

amor, a paixão por suas origens e pelo festejo que homenageia Nossa Senhora do Rosário, pois é nesses dias de festejo que sua luta pela permanência da festa, ganha mais força e sentido. Já o Sr Camilo destaca que “Eu digo para essa geração mais jovem, que devem ter amor pelas suas origens, raízes. Aos jovens negros dessa cidade, eu digo que trabalhem para manter nossa tradição”. Para este depoente, é importante repassar a suas raízes e suas tradições para as gerações, pois dessa maneira as crianças, os jovens e até mesmo os adultos podem se sentir seguro para sua afirmação como sujeito negro na sociedade, quebrando estereótipos e preconceitos que estão enraizados.

Para muitas pessoas, principalmente aquelas que vêm de fora, o momento mais esperado da festa é o lado das atrações, os shows, as barracas e acabam esquecendo ou até mesmo nem sabendo o sentido da festa para os descendentes dos percussores do festejo.

Fernanda Moreira afirma que:

Embora estamos inseridos em um tempo em que as questões são bastante esclarecidas, com o intuito de minimizar o preconceito. Alguns da chamada “Elite” entendem e apreciam a Festa pelo seu legado festivo associado aos Shows. Não valorizam o seu aspecto cultural, proveniente das congadas e da herança de nossos antepassados africanos.

Por mais que os sujeitos considerados “brancos e de elite” procurem a festa somente pela parte festiva e suas atrações, o que marca o acontecimento do festejo é a junção do sagrado e do profano, a mistura de agradecimento e pedidos, são os cânticos e danças em louvores a Nossa Senhora, sem o amor pela valorização das raízes e honra aos antepassados africanos, talvez o festejo não resistisse, por tantos anos, séculos de tradição, cultura e fé.

Domingues ressalta que:

“Os ternos de congo são responsáveis por grande parte da alegria da festa. Além de atrair o público com suas roupas coloridas, seus estandartes, sua música e sua dança, eles são guardiões de uma tradição que vem de tempos da colônia” (Domingues, 2007, p.105).

Uma das grandes atrações da festa são os ternos de congo, que em sua maioria são homens e mulheres negros de diferentes faixas etárias, mas com o

mesmo propósito em engrandecer o festejo através do orgulho em participar da festa.

A cidade de São Gonçalo do Sapucaí conta com 10 ternos de congo. São eles: Nossa Senhora da Aparecida, São Benedito (Carneiros), Nossa Senhora Aparecida, São Gonçalo do Amarante, São Elesbão, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Luzia, Santa Efigênia e Divino Espírito Santo. Geralmente, os membros dos ternos são familiares, amigos e vizinhos e, na maioria das vezes, são eles que mantêm a organização e manutenção das vestimentas, instrumentos e todos acessórios que necessitam para a permanência do terno, já que não possuem muitas colaborações financeiras.

O festejo também é marcado pelo costume de servir para os ternos de congo e a comunidade um almoço no ultimo domingo da festa, realizado com dinheiro e doações que a associação da congada, irmandade e os festeiros, costumam conseguir com pedidos de esmolas, nos comércios, empresas e sujeitos da comunidade, que podem ser recebidas através de dinheiro, alimentos e prestações de serviços.



Imagem 9- Retirada do documentário: Conheça a tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí-MG. Almoço servido ao congadeiros e comunidade.



Imagem 10- Retirada do documentário: Conheça a tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí-MG. Almoço servido ao congadeiros e comunidade.

Nas imagens acima, observa-se que não são somente os congadeiros que participam do almoço oferecido pela organização da festa. A comunidade também participa desse momento de confraternização e de agradecimento por mais um ano da realização da festa, pois o almoço é oferecido para todos que participam da festa, porém normalmente são os membros dos ternos e seus familiares que compartilham desse momento de confraternização.

O último dia de festejo é marcado pela subida do reinado, seguida pelos ternos de congo e a população visitante até a Igreja do Rosário, para ser realizada a cerimônia final e a troca de coroas. É nesta ocasião que os novos reis assumem. Nesse momento, os congadeiros, que são em sua maioria homens negros, mulheres negras e pobres muitas vezes excluídas e marginalizados pela sociedade, assumem o poder, pois é nessa hora que a cidade inteira, inclusive aqueles que são considerados elites e brancos param o que estão fazendo para vê-los passar.



Imagem 11- concedida pela secretária de Cultura de São Gonçalo do Sapucaí-MG. Subida do reinado, em São Gonçalo do Sapucaí-MG, 2015.

Nessa imagem, percebe-se que os congadeiros no centro da praça, localizada no largo do Rosário, apresentam suas crenças e tradições que muitas vezes são condenadas e não valorizadas pelos considerados “brancos e de elite”, mas que nesse momento se calam para ver os atores principais da festa passar.

2.3 “Mulheres não há uma visão que a diferencia ou minimize a sua participação no festejo”

A mulher na sociedade é considerada, ainda por muitos sujeitos, como “ser” inferior ao homem. A situação se agrava quando se é mulher, negra e pobre. De acordo com Biazeto (2010), “Ser mulher e negra na sociedade brasileira requer esforços” A sociedade apresenta uma visão negativa do negro, reproduzindo um discurso de subordinação, de controle e até mesmo de

repressão, diariamente as mulheres são obrigadas a enfrentar disputas e olhares opressores, pois se vive em uma sociedade machista e racista.

Para Carneiro (2010), “O papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance” A sociedade fixou um estereótipo de que a mulher brasileira muitas vezes é vista e apresentada ao mundo como objeto sexual, deixando a exposta para a violência seja ela física ou moral, pois a violência contra a mulher pode ser realizada de diversas maneiras, através de simples palavras, mas que causam grandes sofrimentos.

Conforme Silva (2010), “A violência está velada no mascaramento e na subordinação da nossa linguagem cotidiana, nos usos de expressões e jogos de linguagens, nas palavras de duplos sentidos” No Brasil a violência contra a mulher é grande, com a mulher pobre e negra é maior, o desrespeito através de piadas e brincadeiras de péssimo gosto sobre o corpo e a cor negro é gritante, muitas vezes as mulheres acabam acreditando que realmente são culpadas pela violência que estão submetidas, pois o preconceito e os estereótipos que a sociedade joga nas costas dessas mulheres, que muitas se condenam como culpadas.

Para Carneiro:

”Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira” (CARNEIRO, 2010, p.36)

Por isso se faz necessária a luta diária contra o racismo e as desigualdades seja ela no campo de opressão, dos privilégios voltados para homens, seja nas questões socioeconômicas. Através dos diversos

movimentos feministas, foi possível trazer novas compreensões, fazendo com que a mulher não se contentasse com as migalhas e as opressões impostas pela sociedade. Trouxe-se também esperança e visibilidade para que se lutasse pela sua igualdade, e através dessa esperança que a mulher negra, sujeita congadeira, conseguiu conquistar desde o início do festejo seu espaço e sua visibilidade, deixando sua presença na irmandade que era uma grande forma de representação dos negros na sociedade.

Para Albuquerque e Fraga Filho (2006), as “irmandades a diretoria escolhia o “rei” e a “rainha” do ano, que eram coroados no dia em que se celebrava o santo patrono”. Nos registros da antiga irmandade têm-se as mulheres negras como as primeiras rainhas do festejo.

A presença da mulher no festejo do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí (MG) está marcada desde o início das primeiras comemorações realizadas ainda quando São Gonçalo do Sapucaí era um Arraial.



Imagem 12 - Flora Maria de Paiva. Rainha da festa do Rosário, em São Gonçalo do Sapucaí-MG no ano de 1900.

As primeiras imagens documentadas de mulheres à frente do festejo são da Senhora Flora Maria de Paiva, mulher negra, pobre, que foi coroada rainha da festa do Rosário no ano de 1900. Assim como a senhora Flora, muitas mulheres participavam do festejo, muitas ficavam apenas nos bastidores, fazendo costura das roupas dos ternos de congos, faziam comida, faziam a limpeza da igreja e dos santos de devoção. Entretanto, elas sempre estavam ao lado de seus maridos, filhos e amigos em busca de um mesmo objetivo a resistência e a realização da festa: “Eu participo do congo desde de criança, minha mãe costurava e cozinhava para o terno, tenho muito orgulho disso”. Na fala da depoente, que vamos denominar de Ana, observa-se que, através das

ações da mãe que trabalhava na congada, isso incentivou a filha a continuar lutando e tendo orgulho de suas raízes.



Imagem13- Mulheres a frente do terno de congo. Retirada do Arquivo pessoal de Brito 2016.

Nos dias atuais, o sujeito congadeira conseguiu conquistar um espaço na frente da comunidade de congadeiros. Como se verifica na imagem acima, muitas mulheres lideram ternos de congo, dançam e assumem papéis de responsabilidades que antes eram atribuídos somente para homens. Observa-se também que as meninas, desde muito pequenas, já convivem nesse espaço, como destaca Simone, depoente, mulher negra e congadeira “desde criança é respeito ao meu avô, é família desde o bisavô, participava de tudo, com o barulho do congo o coração dispara, nossa é muito bom”. A importância do festejo para essas congadeiras começa como um sinal de respeito aos antepassados e, depois, passa a ser amor, orgulho e tradição: “A gente não vê quando chega em maio para dançar o congo”, afirma Simone.

Em seu relato, observa-se a emoção de estar no terno de congo, dançando e cantando. Para essas mulheres, a festa é motivo de orgulho, pois,

quando chega o mês de maio, elas vão levando suas alegrias e louvores pelas ruas de São Gonçalo do Sapucaí com as batidas do congo.

A festa é momento em que os sujeitos congadeiras estão inseridas em espaço simbólico que trazem sentidos, onde esses sujeitos se (re) significam e são atravessados pela produção de sentidos no qual estão inseridos.

Orlandi ressalta

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2012, p. 30)

A autora nos traz o modo do sujeito de relacionar com sua memória discursiva, trazendo consigo uma construção simbólica de sentidos presentes em seu imaginário.

Na fala da dona Ana Maria Veiga da Luz, que carinhosamente gosta de ser chamada “A herdeira do terno”, senhora negra, descendente de escravos, é possível observar em seu relato a importância da mulher no congado: “A importância bem é que na falta do meu avô, na falta do José Calixto, nós temos que tomar a frente, nós não podemos deixar o terno morrer, porque é uma tradição e aí agente tem que continuar”. A depoente, como destacou-se acima, se considera a herdeira do terno, pois, segundo ela, o terno nasceu com o seu bisavô.

Ela afirma ainda que as mulheres devem tomar a frente e, se preciso for, assumir o terno, pois a tradição não pode acabar. “Eu danço, eu canto, o coração bate forte demais, todo ano seguro a imagem de Nossa Senhora do Rosário, a protetora dos escravos” (Ana Maria Veiga da Luz, herdeira do terno).

Domingues relata:

Os sons penetram nos corpos, nas vozes dos tocadores, cantadores e dançarinos (todos chamados de congadeiros). As misturas dos sons trazem à tona o movimento quase que natural dos corpos, que parecem voar da superfície, com movimentos e passos ensaiados. (DOMINGUES, 2007, p.112)

São esses sentidos que constituem os sujeitos congadeiras, pois o coração bater forte, nos movimentos de dançar cantar, nas batidas do congo,

descrita por Ana Maria, deve-se a sua resistência de fazer parte do festejo, de se constituir e se afirmar como mulher, negra, descendente de escravos e ter orgulho de estar passando essa tradição para outras gerações e se fazer presente no maior acontecimento festivo e religioso da cidade de São Gonçalo do Sapucaí (MG).

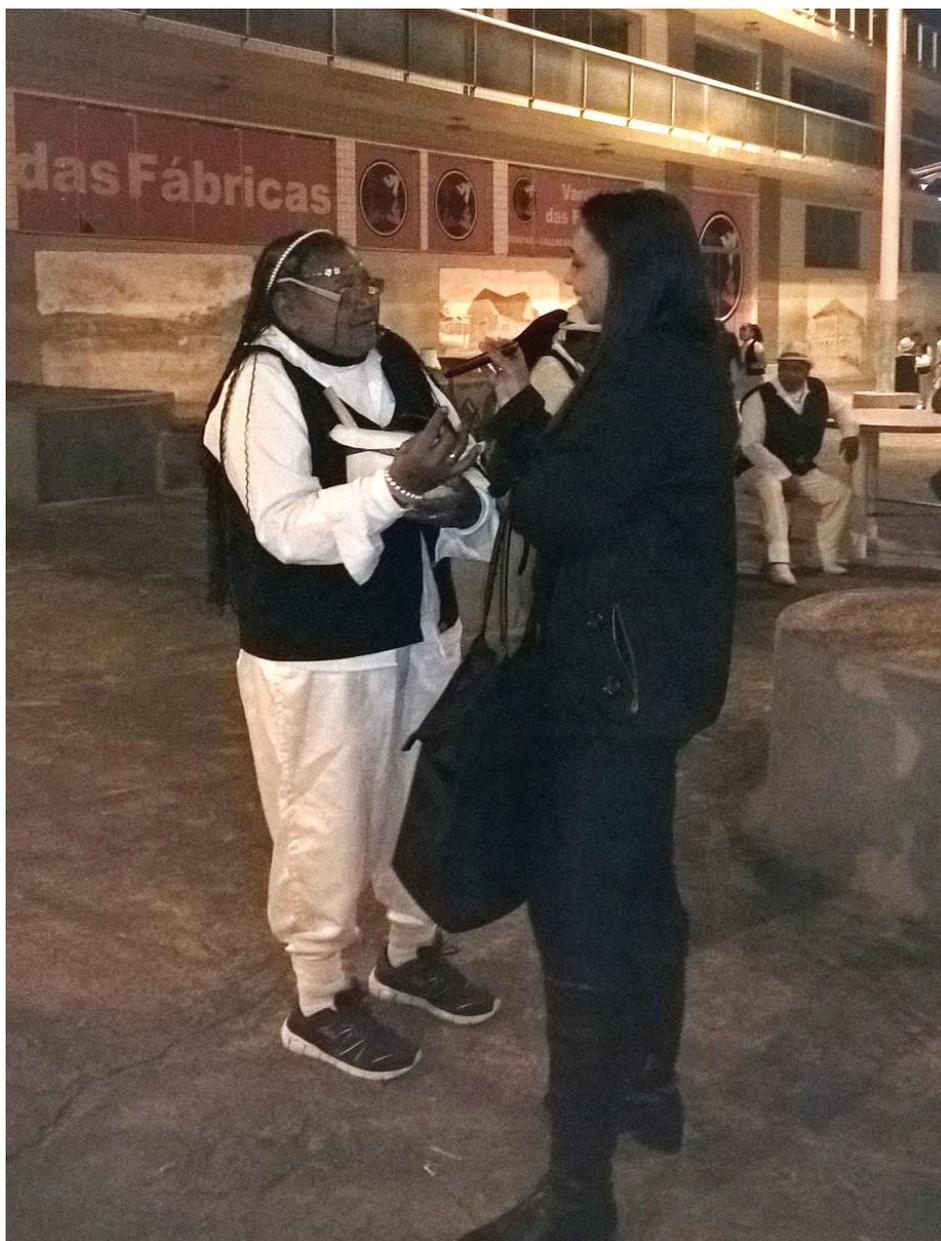


Imagem 14- A herdeira do Terno. Retirada do Arquivo pessoal de Brito 2016.

Em relação à participação das mulheres no festejo, Fernanda Moreira destaca que “Percebo que as mulheres são vistas de modo a compor a beleza da apresentação. Não há uma visão que a diferencia ou minimize a sua

participação”. Em sua fala, verifica-se duas expressões de representatividade da mulher negra, a primeira ao dizer “Percebo que as mulheres são vistas de modo a compor a beleza da apresentação”, traz uma ideia de características machistas, no qual a mulher é vista somente pela beleza ou pelo seu corpo. Se faz necessário (re) significar essa identidade que no imaginário brasileiro a mulher é representada apenas pela ideia de corpo e beleza, a segunda traz sentido de igualdade e de valorização das mulheres que participam do festejo, pois, quando ela descreve que “não há uma visão que diferencia ou minimize a sua participação”, isso remete ao fato de que a mulher não é inferior ao homem, ela tem o direito de ser respeitada, como todo cidadão.

Percebe nas narrativas das depoentes que o festejo não teria o mesmo sentido se a participação da mulher, e que esse sujeito congadeira ela buscou e fez seu espaço no festejo, passou a se expressar em quanto ser social ativo dentro desse espaço e reivindica sua visibilidade.

A mulher negra congadeira não que ser vista somente como uma figura bonita para enfeitar a festa, pois sem ela o festejo não acontece, o sujeito congadeira da cidade de São Gonçalo do Sapucaí- MG estão nos bastidores, atrás das cortinas, na frente, nos palcos, manda desmanda, assume responsabilidades, traz para si a garantia da realização da festa, pois elas estão desde o pedido de esmolas⁹ até as batidas dos ternos de congo.

As mulheres integrantes da festa de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí-MG fazem toda a diferença no festejo, suas lutas e práticas culturais estão presentes no acontecimento da festa, seja ela congadeira, rainha, costureira, cozinheira, lavadeira, porta bandeira ou até mesmo a mulher que está por traz de um homem a frente de um terno de congo, essas mulheres que, em sua maioria são negras e pobres, estão fazendo e acontecendo e resistindo na tradição do festejo, na maioria das vezes elas passam suas tradições, cultura, para seus sucessores, fazendo com que a prática cultural da realização da festa não se perca.

⁹ Pedido de esmolas: Arrecadação de doações através de alimentos, dinheiro para a realização da festa.

CAPITULO III

“A IRMANDADE AJUDAVA MUITO AS PESSOAS NÉ, PRINCIPALMENTE ASSIM OS NOSSOS IRMÃOS DA IRMANDADE”

Irmandade, termo relacionado a fraternidade, associação que se baseia em doutrinas religiosas, com formas de solidariedade, buscando realização ações benéficas para seus irmãos de cor. Trabalhar com a irmandade é necessário para nosso trabalho, pois é fundamental analisar como os negros faziam para sobreviver e resistir as dores de uma escravidão e como isso foi importante para dar continuidade nos agradecimentos e louvores a Nossa Senhora, pois o festejo se manteve por muito tempo graças a união dos irmãos de cor da irmandade.

De acordo com Souza (2002), “a reunião em grupos oriundos da mesma etnia ou de regiões próximas, pertencentes a um mesmo complexo sociocultural, foi outra forma encontrada para recriar as afinidades antes fundadas nas relações de parentesco”.

A busca por diferentes formas de manter suas tradições, formas de ser e viver em terras brasileiras era um dos movimentos significativos de resistência cultural, social e política para o negro, escravo liberto e seus descendentes. Nesse sentido, a irmandade era a chance de uma nova oportunidade de fugir do processo de dominação dos homens brancos e colonizadores. Para Reis,

Imaginadas [as irmandades] como veículo de acomodação e domesticação do espírito africano, elas na verdade funcionaram como meio de afirmação cultural. Do ponto de vista das classes dirigentes, isso foi interessante no sentido de manter as rivalidades étnicas entre os negros, prevenindo alianças perigosas. Ao mesmo tempo, do ponto de vista dos negros, impediu-lhes a uniformização ideológica, que poderia levar a um controle social mais rígido. Com o passar do tempo as irmandades serviram até como espaço de alianças interétnicas, ou pelo menos como canal de ‘administração’ das diferenças étnicas na comunidade negra (REIS, 1991, P 55).

Para muitos religiosos, cristãos, as irmandades eram um modo de domesticar e cristianizar os negros, porém, para os negros, as irmandades

eram exatamente o contrário: dentro das irmandades, eles poderiam ser ouvidos e poderiam afirmar sua cultura e identidade.

Historicamente, as irmandades tiveram seu início na Europa, posteriormente no continente africano, mas foi na América portuguesa que se difundiu, segundo Ribeiro (2008), no Brasil, as primeiras irmandades de homens pretos surgiram no Rio de Janeiro, em Belém e na Bahia, no século XVII, e se compunham majoritariamente por centro-africanos, os mais numerosos nas cidades desta época.

Nas irmandades os negros realizavam rituais africanos como a coroação de reis e rainhas, além de tocar seus instrumentos de percussão, cantar e dançar. Os rituais africanos de reis e rainhas foram comuns em todo o Brasil, durante o período colonial.(SOARES, 2009, p. 58)

Na cidade de São Gonçalo do Sapucaí (MG), a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em documento oficial, tem sua data de início o ano de 1880, porém havia relatos de sua existência anterior a essa data.

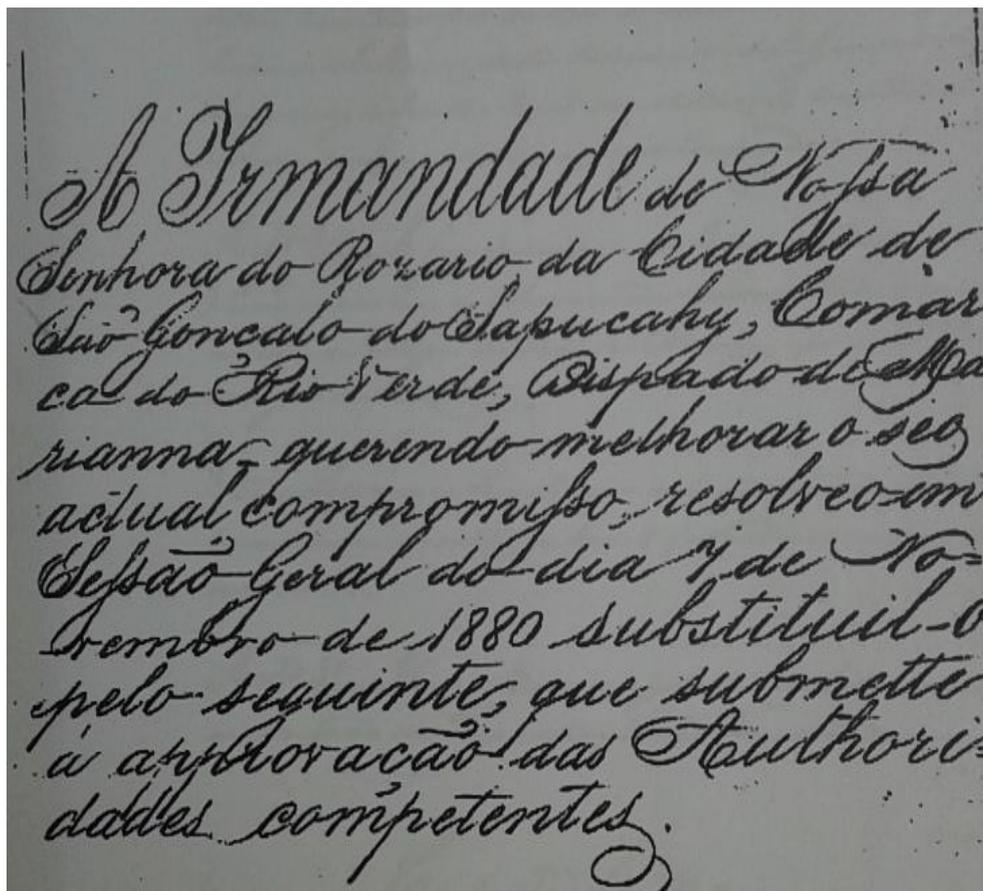


Imagem 15- Antigo Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de São Gonçalo do Sapucaí-MG.

Os estatutos que compunham uma irmandade sempre buscavam dar assistências aos irmãos de cor, principalmente, na área médica e jurídica, como explica De Cássia (2002),

é importante destacar que as irmandades religiosas compostas por negros, além de assumir a assistência médica e jurídica, o socorro em momentos de crise financeira e os funerais tanto de membros dessas associações quanto de seus familiares, também se responsabilizavam pela compra de alforrias de outros escravos (DE CÁSSIA, 2002, P.170).

Na irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em São Gonçalo do Sapucaí (MG), não foi diferente das outras irmandades do Brasil. O objetivo era fomentar a ajuda financeira aos membros e seus familiares e, principalmente, promover a compra de escravos para depois libertá-los. A alforria era realizada

em frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário. Como afirma o depoente denominado J:

Olha ela (irmandade) ajudava muito as pessoas né, principalmente assim os nossos irmãos da irmandade, por exemplo quem não tinha meios financeiros para poder, vamos supor na hora mais difícil da família, vamos supor a morte, então a irmandade que ajudava, na compra de urnas certo, para fazer o velório, essas coisas...

O relato deste depoente destaca que a irmandade “ajudava muito as pessoas né” permite compreender a presença de uma entidade que possui atividades sociais, especialmente, quando se trata dos membros da irmandade. Ainda ao dizer que “não tinha meios financeiros”, J afirma que a irmandade era um espaço de agenciamento de trocas de experiências dos homens menos favorecidos da sociedade chegando, em alguns casos a financiar o enterro: “vamos supor a morte”. A irmandade era um espaço social, político e de sociabilidade, local onde os irmãos de cor se reuniam, resistiam e lutavam por amenizar seus dias de escravidão ou lembranças de um passado sofrido.

No relato do Sr. João Rufino, é possível avançar na compreensão dessa irmandade:

Que antigamente, toda renda da festa, era revertida para então a capela do Rosário, os membros dos homens pretos, usavam tal renda para comprar escravos e quando estes escravos chegavam em São Gonçalo do Sapucaí, eram alforriados em frente a capela como forma de agradecimento e devoção. (João A. Rufino, ex presidente da antiga Irmandade).

Ao analisar os relatos de João Rufino, novamente, seu discurso retoma um tempo remoto, não vivido pelo mesmo, mas fortemente representado e significado em sua memória. Por exemplo, ao dizer que “usavam tal renda para comprar escravos... eram alforriados em frente a capela como forma de agradecimento e devoção”, suas palavras retomam acontecimentos históricos não vivenciados por ele, mas que é rememorado a cada geração pela oralidade. A irmandade dos homens pretos surge nas lembranças como aqueles que se constituíram os fundadores do festejo na igreja de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí. Isso permite entender o funcionamento do discurso fundador, que, para Orlandi (1993, p.12) “são

enunciados que ecoam e reverberam os efeitos de nossa história, em nosso dia a dia, em nossa reconstrução cotidiana, em nossa identidade”. É através da resistência que se materializa no gesto de agradecimento em louvor a Nossa Senhora do Rosário, que os descendentes desses homens alforriados pela confraria, conseguem força para a manutenção da festa.

Festa com barracas feitas de esteiras de bambu, palha de arroz no chão, muito quentão, pastel de fubá(....). Nos dias da festa os ternos ficavam batendo as caixas o dia todo, andavam pelas ruas do largo visitando a casa do Rei e Rainha. A coroação era feita em frente a igreja do Rosário com um palco montado com uma enorme coroa feita de papel laminado. (Jorge Bala).

Esses enunciados se encontram no dossiê de tombamento do município de São Gonçalo do Sapucaí (MG). Eles apontam para a importância do festejo para escravos e alforriados e como isso se constituiu para a formação e afirmação de uma identidade dos descendentes desses homens precursores desse festejo. A festa possuía um sentido de simplicidade, mas também um momento de muitas alegrias, que teve, em sua gênese, o objetivo de agradecimento a Nossa Senhora do Rosário e a compra de alforrias para a libertação de escravos da região. Esse festejo era mais que barracas, bebidas. Era um espaço de sociabilidade, lazer, fé, tradição e resistência de práticas culturais africanas. O depoente, ao dizer que “andavam pelas ruas do largo visitando a casa do Rei e Rainha. A coroação era feita em frente a igreja do Rosário”, discursiviza um movimento praticado pelos negros, antes de serem escravizados no Brasil. Em terras africanas, sempre serviam em sua maioria ao Rei e Rainha e por este motivo tal representação se fez e faz muito forte no momento das congadas.

Em São Gonçalo do Sapucaí, a irmandade de Nossa Senhora do Rosário, era composta por homens negros, libertos e descendentes de escravos. Como em outras irmandades, eles possuíam uma hierarquização e possuíam obrigação com a irmandade. De acordo com DeCÁSSIA (2002), “era obrigação de todos os membros dessas confrarias seguir à risca os seus mandamentos”. Assim, a irmandade contava com requisitos básicos na sua estruturação, a saber, a categoria socioeconômica e a cor da pele. Como a irmandade tinha o objetivo de caritativo com os negros, sua fundação foi feita

por homens negros e os primeiros membros da antiga irmandade de Nossa Senhora do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí (MG), eram mulheres e homens negros.

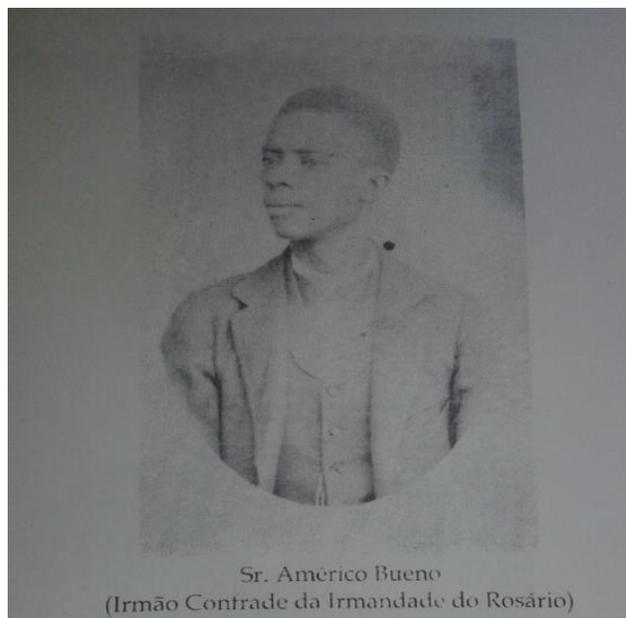


Imagem 16- Sr. Américo Bueno. Membro da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí-MG.

A imagem 16 é de um homem negro, brasileiro, descendente de escravo, membro da antiga irmandade Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí (MG). Ele lutou para a manutenção da mesma, em meio um período pós-abolição, onde os negros foram largados a própria sorte, pois, a Lei Áurea, deu a condição de homem “livre”, mais não ofereceu suporte para usufruir de tal liberdade, sem assistência, moradia, dinheiro, trabalho e ainda como um peso enorme para carregar, o racismo, foram os próprios negros que tiveram que conquistar sua suposta liberdade e através das irmandades, muitos conseguiram um pouco de conforto para prosseguir, resistir e manter parte de suas tradições e identidade.

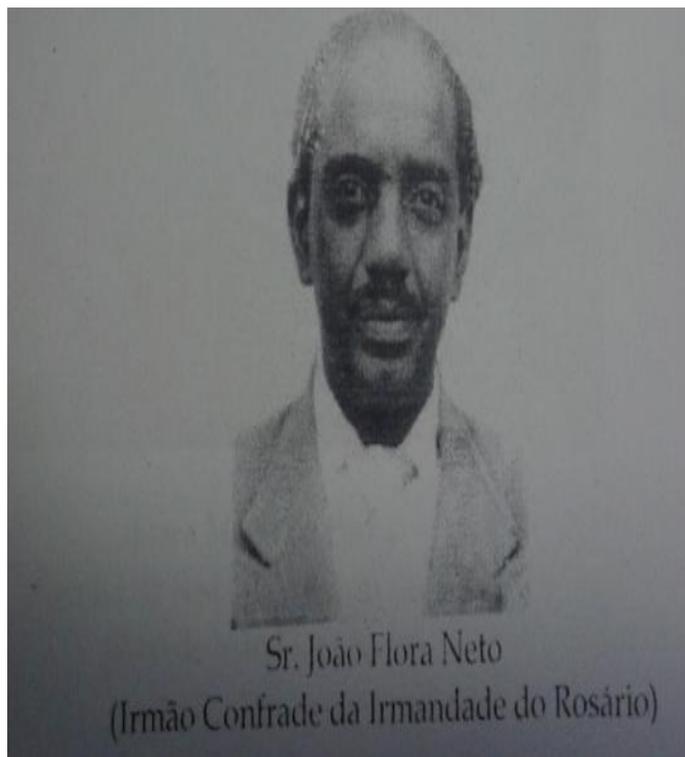


Imagem 17- Sr. João Flora Neto. Membro da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí-MG.

João Flora, outro membro da antiga irmandade Nossa Senhora do Rosário de São Gonçalo do Sapucaí-MG. Ele foi um considerado um homem de destaque na cidade, por ter sido chefe de congada. João Flora deixou um grande legado para seus descendentes: a continuidade deste movimento de resistência e manutenção do festejo. Segundo Silva (2008),

“A festa de Nossa Senhora do Rosário é marcada por processos de recriação e de praticas de resignificação de símbolos, é nesse espaço de festejo que o sujeito congadeiro(a), fazem suas lutas acontecerem, buscando marcar nesse momento um acontecimento de resistência”.

Deve-se ressaltar que, apesar da vida difícil dos escravos, alforriados e descendente, eles possuíam sonhos e vontades e, acima de tudo, não perdiam a esperança em retomar a vida, que lhe foi roubada. Enfim, a irmandade e o festejo constituem formas de resistência contra a exclusão imposta aos libertos. Eles não deixaram que sua história fosse silenciada. Ainda sobre a questão das irmandades, Melo e Souza esclarece que:

“As irmandades de “homens pretos”, espaço que permitiam um maior controle sobre os africanos escravizados e seus descendentes, cativos ou livres, ao mesmo tempo em que possibilitavam o desenvolvimento de relações específicas a estes grupos, que nelas encontravam formas de afirmação social e cultural, foram lugares nos quais as eleições de reis negros e as comemorações que as acompanhavam atingiram maior complexidade e significação” (Souza, 2002, p. 251).

A autora apresenta um olhar que mostra as duas faces da irmandade: de um lado, faz o papel de vigilante, como forma de controle sobre os negros; e, de outro lado, estabelece-se como um espaço de acolhida, como um espaço de afirmação social. De fato, em São Gonçalo do Sapucaí, seu início foi voltado para o espaço de acolhimento, ajuda mútua, afirmação social e permanência de suas tradições. No entanto, com o passar do tempo, a irmandade foi ganhando novos membros “Elite branca”, que visavam outros propósitos para a irmandade, não necessariamente a ajuda mutua e afirmação social do negro.

Através da implementação de um novo estatuto da Irmandade do Rosário, percebe-se que existe um deslocamento em relação ao estatuto que deu origem a irmandade. Na “nova” versão (2008), a auto afirmação do sujeito negro foi colocada de maneira a ser silenciada; as identidades passaram a ser continuamente deslocadas e eram utilizadas, acionadas para produzir significações, que possibilitassem o desenvolvimento de relações de poder, construindo sentimentos de subordinação, negação das origens afro-brasileiras, reforçando discursos de dominação do homem branco sobre o homem negro.

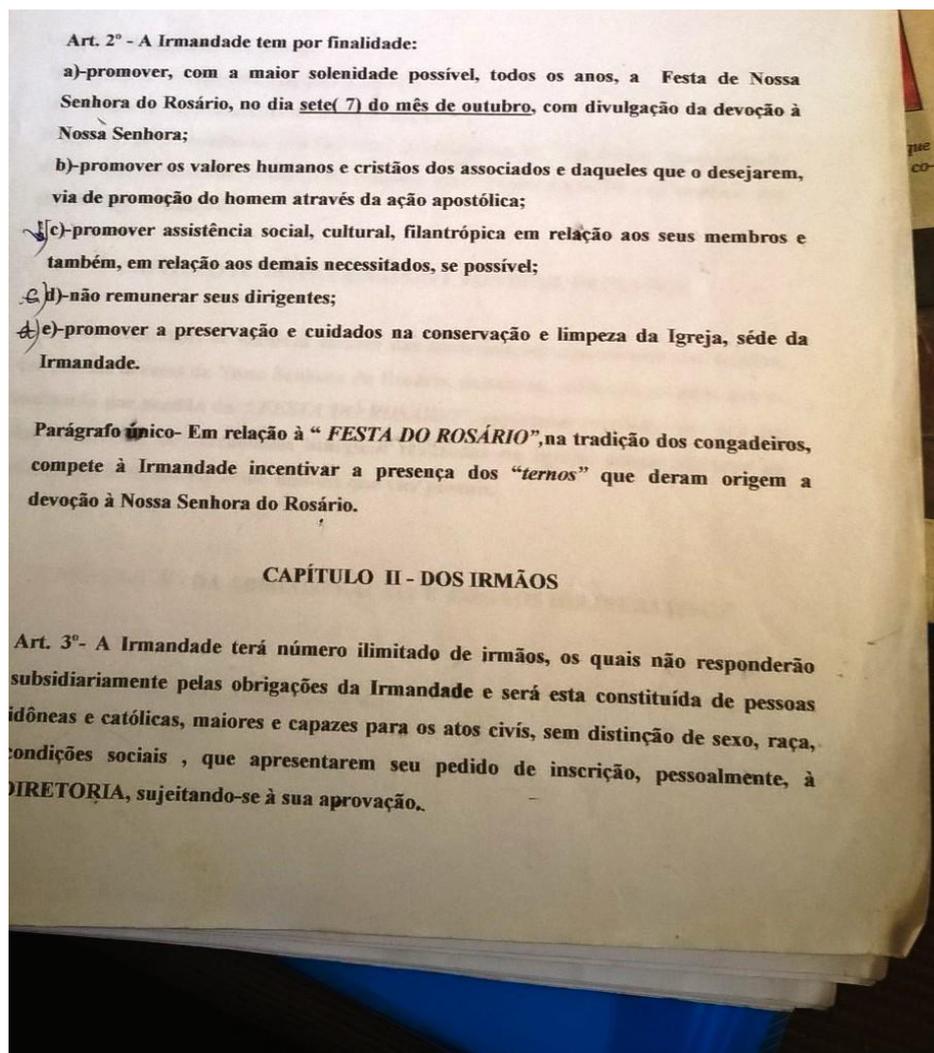


Imagem 18- Novo estatuto da irmandade do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí, 2016.

Atualmente, a irmandade do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí não possui nenhum membro descendente da antiga irmandade na atual presidência. Hoje quem está à frente são pessoas “brancas, com uma classe social mais abastada”, que fizeram modificações no novo estatuto, como pode ser observado capítulo I, artigo 2, as principais preocupações são:

- a) Promover com maior solenidade e divulgação da festa
- b) Promover os valores humanos cristãos
- c) Promover assistência social, cultural..... se possível
- e) Promover a preservação, cuidados na conservação e limpeza da Igreja

Os novos propósitos da irmandade são diferentes das propostas iniciais e do sentido de irmandade, pois a irmandade buscava a solidariedade, igualdade, fraternidade. O novo estatuto visa a limpeza, o embelezamento da igreja, a ajuda ao próximo “se possível”, os valores humanos, porém “cristãos”. Observa-se assim que as mudanças apresentam valores contrários ao que os homens negros buscavam e, pelos quais, lutaram por tantos anos.

Para o Senhor Cezar Calixto, líder de terno de congo, “Tradição da família, nessa época a gente vive para o congado”. Este depoente, negro, luta com resistência para manter as tradições implementadas pela antiga irmandade, onde a festação deve ser mantido em louvor e agradecimento aos seus antepassados, por terem realizados através das arrecadações das festas realizadas, a libertação e a ajuda aos irmãos de cor que necessitavam de apoio, financeiro ou até mesmo emocional. Sobre a questão da resistência, Lagazzi ressalta que:

a resistência do sujeito se mostra, em cada uma das situações, a seu modo. O poder se quer absoluto, sim, mas o sujeito não se coloca passivamente frente a ele, não se submete. O sujeito encontra, na linguagem, os recursos para lidar com o poder, para redistribuir a tensão (...). A resistência é a batalha do sujeito pelo direito de se colocar, de não aceitar coerções, é a batalha por „um lugar no qual o sujeito encontre um poder de dizer”, com ou sem respaldo da hierarquia (LAGAZZI, 1988, p.97).

Compreende-se assim que, através da resistência para manter a tradição de seus antepassados, os sujeitos congadeiros conseguem a permanência do festejo até os dias atuais. Isso acontece, não de um modo engessado, pois a cultura se resignifica: o festejo se atualiza, porém mantendo os mesmos propósitos de louvor e agradecimento.

Historicamente, houve a resistência desses sujeitos homens e mulheres negros que lutaram contra escravidão e, mesmo com suas lutas silenciadas pela mídia, governo ou sociedade, esses sujeitos se continuaram unidos para manter viva suas memórias, culturas, tradições e a festa. Em outras palavras, eles resistiram. E é através do festejo que o negro resiste, luta, sociabiliza especificamente um acontecimento histórico que une irmãos de cor e classe social. Faz-se assim da festa um grande acontecimento discursivo que através da oralidade vai sendo significada e resignificada de geração em geração e

mantendo latente na sociedade a necessidade de suas lutas e busca de liberdade seja ela religiosa, social, pois isto constrói sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos propostos neste trabalho, buscou-se compreender o funcionamento da festa de Nossa do Rosário em São Gonçalo do Sapucaí (MG), através do acontecimento discursivo que é produzido no e pelo festejo. Metodologicamente, as reflexões aqui propostas foram fundamentadas nos estudos da História oral e da Análise de Discurso.

Abordou-se os diversos espaços do festejo e sua busca pela resistência e permanência. Ao repassar as tradições para as gerações, os congadeiros garantem o início da quebra do silenciamento das memórias que transitam no meio do festejo. É na e pela festa que se busca a valorização de sujeitos “líderes”, e reponsáveis por constituir uma história, seja ela através das congadas, através das orações, danças e rituais, crenças, movimentos que passam por cima das crueldades vividas e sentidas em um passado escravocrata.

A pesquisa realizada permitiu compreender a necessidade dos discursos femininos das mulheres congadeiras na festa de Nossa Senhora do Rosário. Através desses discursos, o sujeito congadeira se a significa dentro do festejo, tornando-se um dos sujeitos fundamentais para o acontecimento do festejo.

A partir das análises realizadas, compreende-se que a festa é de total importância social e constitutiva na vida funcional da cidade, já que os discursos atravessam inúmeros sujeitos, que passam a ocupar posições-sujeitos que se inscrevem em formações discursivas que estão na base do dizer, destacando a memória discursiva que rege acerca do festejo

Analisou-se as propostas iniciais da irmandade, pois era nesta instituição que os ex-escravos e descendentes se sentiam acolhidos, através de suas orações, cânticos e danças, e até assistência financeira em caso de doença ou morte e também suas modificações no decorrer dos anos.

No decorrer deste trabalho, verificou-se que, omitir a trajetória histórica dos sujeitos congadeiros, descendentes de escravos de São Gonçalo do Sapucaí (MG) é negar, silenciar parte da história da sociedade do sul de Minas Gerais.

É também garantir poder do “branco” e da “elite” sobre o negro e autorizar atos de racismo e discriminação.

Averiguou-se, após o estudo, e chegou-se a uma análise que, mesmo com a grande procura pelo lado festivo e atrativo da festa, ao estudar o festejo, fica notório que o grande sucesso e continuação da festa são as resistências em manter a cultura deixada pelos antepassados, o ato de agradecimento de louvor, que se faz presente e fortemente vivo nas crianças e jovens através de seus passos, danças, cânticos e suas emoções na batida do congo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos do Estado. **Rio de Janeiro: Graal**, 1970/1992.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: **Campus**, p. 1-23, 1997.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: **A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. São Paulo, 2010.

_____ **Estudos Avançados**. Mulheres em movimento. São Paulo. Sept/Dec, vol. 17, n 49, n 03, 15 de novembro de 2003.

COELHO, Andreza Maria Sá; GOMES, Sansarah da Silva. O Movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira. VII Jornada Internacional Políticas Públicas. São Luís, 25 a 28 de agosto de 2015.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. As raízes da congada: a renovação do presente pelos filhos do rosário. 2006. 241 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

COSTA, Greciely Cristina. Discurso, Cidade e História: metonimização entre favela e favelado e seus efeitos. In: ANDRADE, Alexandre Carvalho; ANDRADE, Ana Eugênia Nunes (Org.) Cidades em movimento. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2013.

DE CÁSSIA, Taynar. Movimento negro de base religiosa: a Irmandade do Rosário dos Pretos. **Caderno CRH**, v. 15, n. 36, 2002.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia.** 2008. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

DOCEMA, Danilo Gianini. **Discurso e Memória: a arte do congo da/na festa de Nossa Senhora do Rosário em Espírito Santo do Dourado.** 2016. 77f. Dissertação (Mestrando em Ciências da Linguagem). Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, MG.

DOMINGUES, Andrea Silva. CARROZZA, Guilherme. História oral, discurso e Memória. **Revista tempos Históricos. Dossiê: “História Oral: desafios metodológicos e éticos”.** Paraná-Marechal Rondon: Unioeste, v. 17, n. 02, 2013.

DOMINGUES, Andréa Silva. **Cultura e Memória: A festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis-MG.** 2007. 134 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

_____. A arte de falar: redescobrimo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio/MS. **Jundiá: Paco,** 2011.

DOSSE, François. O tempo de Marc Bloch e Lucien Febvre. **DOSSE, François. A História em Migalhas. Dos Annales à Nova História.** Bauru: EDUSC, 2003.

DE FARIA CRUZ, Heloisa; DA CUNHA PEIXOTO, Maria do Rosário. na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História.** v. 35, n. 2, 2009.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. **Estudos Feministas,** v. 12, n. 1, 2004.

FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs.) **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil. **Brasil. MEC/SECAD. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal,** n. 10.639/03, 2011.

_____ **Mulheres Negras em movimento:** fazendo a diferença entre diferentes. Congresso Português de Sociologia VI. Lisboa, 25 a 28 de junho de 2008.

IVO, Francisco Marcelo. Linguagem e Poder: O discurso de/sobre candomblé e umbanda no Sul de Minas. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem. Pouso AlegreMG: Univás, 2015.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediação cultural. **Belo Horizonte: Editora UFMG**, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. TupyKurumin, 2006

HENRY, Paul. A história não existe? In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Gestos de leitura: da história no discurso. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. O desafio de dizer não. Campinas-SP: Pontes,1988

LARAIA, Marilda de castro. Os modos de (se) dizer sujeito-aprendiz: processos de identificação na educação de jovens e adultos de Pouso Alegre – MG. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem. Pouso Alegre MG: Univás, 2013.

DE MELLO, Marina et al. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Editora Ufmg, 2002.

Melo, C. (1999). *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Tese de doutorado em lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/Universidade de Campinas - SP.

Nogueira, C. Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género. Perspectiva feminista crítica na Psicologia Social. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 1996.

NOVIELLO, Celeste. *Minha Terra, Três Corações*: Editora Excelsior, 1995.

NUNES, J. H. Dicionários no Brasil: análise e história. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade lingüística escolar. **Língua**, 1998.

_____. Língua brasileira e outras histórias – Discurso sobre a língua e o ensino no Brasil. Campinas, Editora RG, 2009.

_____. Discurso Fundador. Campinas: Pontes, 2003

_____. Discurso e Texto: Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2003..

_____. Discurso e Leitura. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.. **Discurso e leitura. São Paulo: Cortez**, 1996.

_____. Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia. **Campinas: Pontes**, 2012.

_____. Os silêncios da memória”in Papel da memória. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1999

Oliveira, A. Feminismo. Enciclopédia Luso-Brasileira. Lisboa: Verbo, 1969.

PAYER, Maria Onice. **Memória da língua: imigração e nacionalidade**. Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes**, 1999.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente In: Revista Projeto História- Cultura e Representação. São Paulo: EDUC, 1997.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. **Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres**, p. 25-37, 1998.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SCOTT, Joan. Prefácio a “Gender and Politics of History”. Cadernos Pagu, Campinas, n. 3, 1994.

SENRA, Marcia. A CIDADE MODERNA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E LITERATURA-PARIS, BELO-HORIZONTE. **Revista Univap**, v. 17, n. 29, 2011.

SOARES, Dalva Maria. Salve Maria(s): Mulheres na tradição do congado de Belo Horizonte, MG. Dissertação de Mestrado em economia domestica . Viçosa MG: UFV, 2019.

SOUZA, Denilson Vieira. *A festa de 13 de maio: um acontecimento discursivo na cidade de Ipuiuna-MG*. Projeto de Mestrado em Ciências da Linguagem. Pouso AlegreMG: Univás, 2013.

SOUZA, Marina de Melo. Reis Negros no Brasil Escravista. História da Festa da Coroação do Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TASSO, D. R. Re visitando o papel da história na análise do discurso. **Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, v. 6, 2004.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.22.